



S.E.R.

Periódico do Grupo Gurdjieff de São Paulo

primavera/2001 . Número 3

Shiva Natarâja, o Senhor da Dança



Na noite de Brahma, a natureza permanece inerte e não pode se mexer até que Shiva o permita. Ele sai de seu recolhimento e, dançando, envia à matéria inerte palpitantes ondas de som para despertá-la e, que surpresa! A matéria também

dança e se manifesta em toda a sua glória ao seu redor. Sempre dançando, ele sustenta os mais diversos fenômenos. Na plenitude do tempo e ainda dançando, destrói com fogo todas as formas e os nomes, proporcionando a ela um novo descanso.

S.E.R.

O periódico do Grupo Gurdjieff de São Paulo
Dezembro/2001

Editores

Paulo A. S. Raful

Lauro A. S. Raful

Editora executiva

Carmem Silvia de Carvalho

Equipe de apoio

Dimitrius A. Nassyrios

Antonio Dias

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Beatriz Sztutman

Maria Flora de Almeida

Projeto gráfico

Shadow Design

Imagens da capa e pág. 3

La Danza de Siva de Ananda K.

Coomaraswamy, Ediciones Siruela

Ilustração da pág. 31

Yolanda Almeida Bessa

Ilustrações dos Seminários

Ivo Minkovicus

Fotografias

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Tradução dos textos tradicionais

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Revisão de textos

Maria Eugênia da Rocha Nogueira

Carmem Silvia de Carvalho

Entrevistas

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Carmem Silvia de Carvalho

Transcrição de fitas

Natasha Bleier Ottolenghi

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Impressão e acabamento

Copy Center

Bibliografia

The Martial Arts de Michel Random -

Octopus 1978

Alquimia & Misticismo de Alexander Roob -

Taschen 1997

© Copyright

Paulo A. S. Raful e Lauro A. S. Raful

Editora Esoatenca

Caixa Postal 60.010 São Paulo SP

CEP: 05096-970

e-mail: revistaser@ig.com.br

ÍNDICE

<i>Carta aos leitores</i>	3
<i>Artigo</i> · Sobre a conexão com o corpo (por Paulo Raful)	4
<i>Entrevista</i> · Movimentos (com Paulo Raful)	6
<i>Textos tradicionais</i> · A guerra pode ser detida?	17
<i>Artigo</i> · As duas guerras (por Luiz Henrique Domingues)	18
<i>Humor</i> · Humor judaico	20
· O fofoqueiro	20
· Quanto vale a verdade?	20
· O comunicado	20
<i>Textos tradicionais</i> · Katha Upanishad	22
<i>Artigo</i> · Treinando cavalos (por Iza Góes)	24
<i>Entrevista</i> · Um buscador a serviço da comunidade (com Dr. Yassuhiko Okay)	25
<i>Poesias</i> · O zen e a arte do manejo da espada	32
<i>Artigo</i> · Saudação ao Sol (por Martha M. D'Andrea)	34
<i>Entrevista</i> · A arte de ver além da forma (com Dr. Antonio Luiz Junqueira de Almeida)	36
<i>Artigo</i> · Do caos ao caminho da luz (por Fernanda Azzi)	42
<i>Textos tradicionais</i> · Discurso sobre a Arte dos Demônios da Montanha	44
· A realização da redenção	45
· O Adão celeste e o Adão terrestre	46
<i>Artigo</i> · A importância de contar histórias tradicionais (por Carmem Silvia de Carvalho)	47
<i>Contos e Lendas</i> · A travessia	48
· Felicidade	49
<i>Seminários</i> · 50 Princípios da arte de amar	50
· 50 Princípios da boa sorte	52
<i>Artigo</i> · Eneagrama (por Renatus)	53
<i>Artigo</i> · O que floresce deve murchar... (por Beatriz Sztutman)	54
<i>Poesia</i> · A visão (por Nestor da Rocha Bressane)	54

CARTA AOS LEITORES

Shiva Natarâja, o bailarino cósmico, cuja dança é a fonte de todo movimento no Universo, anuncia o terceiro número da Revista SER, dedicado aos Movimentos gurdjieffianos.

Para falar do assunto, entrevistamos o mestre Paulo Raful, nosso instrutor, e fotografamos algumas de suas aulas. Ele revela, pela primeira vez, segredos

que explicam um pouco da magia e do significado desse que é um dos aspectos mais importantes do trabalho para a evolução do ser em nossa escola iniciática.

Ao mesmo tempo, a dança de Shiva oferece-nos uma magnífica síntese cósmica em que a vida e a morte continuamente se entrelaçam sob seu olhar claro e sereno.

Então, não por acaso, faz-se presente também a Medicina aliada à busca interior, nas entrevistas do Dr. Okay e do Dr. Junqueira e no comovente depoimento de Fernanda Azzi: *Do caos ao caminho da luz.*



Shiva Natarâja, *dinastia Cholla (séculos XI - XII)*

Chamamos a atenção para o artigo de Paulo Raful, intitulado *Sobre a conexão com o corpo* e para os textos tradicionais, especialmente a versão hindu da parábola da carruagem: *Katha Upanishad*.

Os leitores encontrarão ainda uma série de artigos, poesias, contos e seminários, que contêm imensa riqueza, proporcionando um verdadeiro banquete espiritual.

SOBRE A CONEXÃO COM O CORPO ¹

Paulo Rafal

Vivemos desconectados do nosso corpo e da vida que flui nele.

Até poucas décadas atrás, antes da era da informática, usávamos nossos corpos naturalmente no decorrer de um dia de trabalho: levantávamos objetos pesados, andávamos, corríamos (para um ônibus, por exemplo), agachávamo-nos, subíamos escadas, etc., etc...

Atualmente, para a maioria de nós, a necessidade de usar o corpo naturalmente desapareceu. Máquinas e aparelhos de todo tipo fazem o serviço pesado para nós. Telefones, faxes, e-mails liberaram-nos da necessidade de levantar da cadeira para comunicar-nos com os demais. Automóveis, aviões transportam-nos sem que precisemos usar nossas pernas ou tenhamos o incômodo de montar um cavalo. E, entretanto, como expressa o Sr. Gurdjieff, nossa “carruagem”, isto é, nosso corpo, foi construído exatamente para ser usado amplamente: é só assim que ele funcionará de modo adequado. Nós não temos noção de seu enorme potencial.

Uma atividade corpórea normal e justa forneceria indicativos

constantes de como está nossa coluna vertebral, se ela está bem conectada ou não com nossas pernas, braços, quadris. Sentar-se inerte por horas, usando um computador ou telefone, não produz o mesmo tipo de sensações; quanto mais nos tornamos dependentes das facilidades tecnológicas, mais perdemos conexão com a sensação justa e estimulante que nosso corpo pode fornecer.

De outro ponto de vista, vivemos hoje em uma cultura de “olhadores” passivos, inundados pelo bombardeio incessante de imagens da mídia, divorciadas de todo e qualquer sentido de experiência corpórea real. A televisão e o cinema criam expectativas não realísticas sobre como deveríamos usar nosso corpo (vide filmes de violência onde mocinhos caem de alturas consideráveis e não se machucam).

Estas mídias não mostram a necessidade de um esforço físico persistente, contínuo e terrível para chegar a um certo nível de excelência em qualquer atividade. Geralmente, mostram alguém tornando-se um campeão, um “Rambo”, ou seja o que for, em 15 ou 20 minutos de projeção.

Com o tempo, o espectador, sem percebê-lo, perde o sentido de ter de fazer esforços físicos para obter seja o que for: passa a correr atrás de pílulas mágicas.

Vendo ainda de outro lado, somos bombardeados por intermináveis cenas de violência na TV e no cinema, mas não sentindo a dor real da violência, seja emocional ou física. Dor real machuca, não é apenas uma imagem, e se por infelicidade somos tocados pela violência real que existe no mundo real, ficamos terrivelmente chocados e nos descobrimos despreparados para o efeito que ela tem em nosso corpo e nos níveis mais profundos de nossa psique. Os computadores também contribuem para o processo de divorciar o corpo do mental e do emocional, tornando a vida, para muitos, um evento exclusivamente cerebral (vide todos os teóricos políticos, economistas, sociólogos, etc...).

A sempre crescente velocidade das novas tecnologias causa uma profunda alienação de nós mesmos, dos outros, da natureza; acabamos achando que a vida é um videogame: por isso ficamos (e a própria mídia também) escandalizados quando o exército ameri-

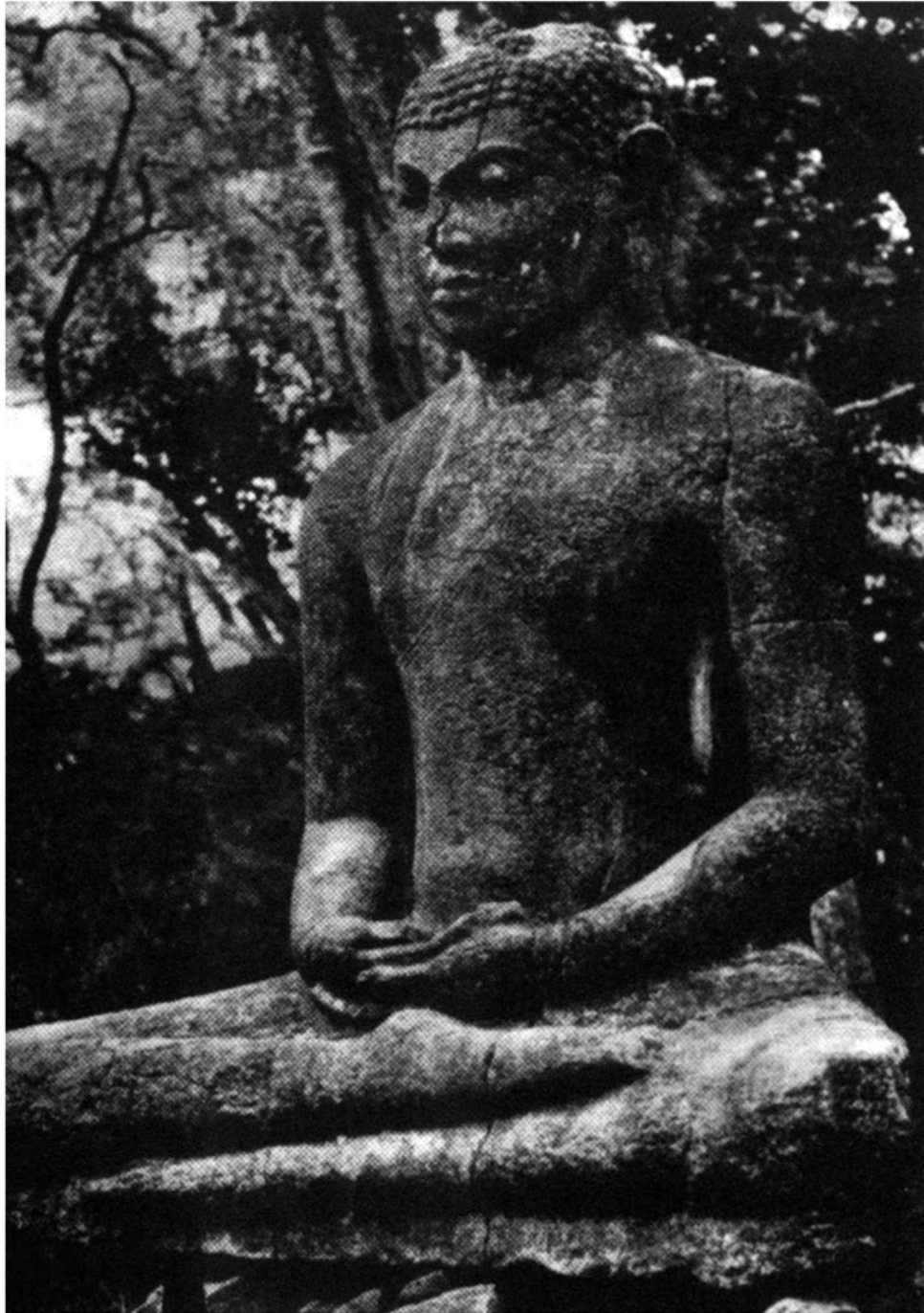


cano e seus aliados não conseguem acabar com os talibans mesmo após o “enorme” tempo de quatro semanas!!! (escrito em 1/11/2001). Talvez chegue o dia em que acharemos absurdo a mãe levar nove meses para gestar um bebê.

O ser humano é precioso, e é um enorme mistério, um magnífico mistério. É um erro tremendo confundir-lo com máquinas ou computadores: corremos este risco, pois até a experiência tão intensa, viva, vibrante, física, emocional, mental e psíquica que é o ato sexual está tentando ser “praticada” pela Internet...

Com tudo isso, fica cada vez mais fácil desconectarmos-nos de nosso coração, nossa alma. Achamos cada vez mais que temos cada vez menos tempo para orar, para relações pessoais profundas, para refletir, para meditar. Entretanto, é só sobre esse “solo” que nosso ser pode de fato desenvolver-se.

¹ Vide, na pág. 114 do livro Fragmentos de um ensinamento desconhecido, de P. D. Ouspensky, a parábola da carruagem, onde é dito: ... “é o trabalho sobre as ‘ligações’...” (ligações = conexões)



Buda em Padmasana (século II)

Que todos os seus desejos se realizem.
(antiga praga chinesa)



M O V I M E N T O S

Entrevista com Paulo Rafal

SER - Paulo, o que são as chamadas “danças sagradas” e quais as tradições esotéricas que as usaram?

PR - Eu hesito um pouco em usar a expressão “dança sagrada”, até pelo fato de pertencermos à escola gurdjieffiana, onde preferimos a expressão “movimentos”. “Dança sagrada” é um termo muito ambíguo, porque qualquer pessoa que resolva montar uma seita que tenha danças pode denominá-las “sagradas”. Por essas razões, preferimos claramente os termos “Movimentos de Trabalho Interior” ou “Movimentos Iniciáticos”.

Encontramos as chamadas danças sagradas em certos países como, por exemplo, no Tibete, na Indonésia, na China, entre os Dervixes, na Índia (íamo-nos esquecendo da Índia, onde sempre se usou a expressão “danças sagradas”). Mas aqui há um problema que a gente tem de deixar claro de saída: tudo isso que é apresentado para o público, por exemplo, o pessoal do budismo tibetano, nos mosteiros, apresenta essas danças para o grande público, aquelas danças que se apresentam na Indonésia, em Báli, tudo isso é a

parte étnica da dança, feita para o povão. Portanto, é bem diferente daquilo que nós chamamos Movimentos Iniciáticos. Aquelas são apresentações públicas, onde se mostra aquilo que se quer mostrar, muito mais para estimular o sentimento religioso das pessoas. Eu não quero negar que essas manifestações tenham uma certa qualidade, mas diferem muito do conceito que temos aqui de “Movimentos Iniciáticos”.

SER - O Sr. Gurdjieff inspirou-se nessas danças ao criar os Movimentos?

PR - Essa segunda pergunta já nos leva para uma coisa muito interessante e importante. É evidente que o Sr. Gurdjieff, por ter viajado muito – por todo o Oriente, pela África –, observou um enorme número dessas danças. Na resposta anterior, esqueci de mencionar as danças africanas, que têm uma representação muito forte aqui no Brasil por meio do Candomblé. Evidentemente, tendo ele observado uma grande variedade de danças e de movimentos, pode ter colhido certos gestos durante suas observações.

Mas a origem do que ele traz não é essa. Eu gostaria de colocar aqui, e isso é muito importante, que existe uma diferença essencial, um fosso interessante relacionado ao que falávamos: há uma coisa exotérica e uma outra esotérica. Por exemplo, em um país como o Brasil, onde conservamos de maneira bastante integral a tradição do Candomblé, dá para suspeitar que, atrás das danças que até os participantes dos terreiros podem assistir, deve, na origem, ter havido algumas delas reservadas para muito poucos. Provavelmente – isso já é uma especulação – essas coisas todas vieram do Egito (essa parte mais interior). Estou-me referindo ao caso africano, não seria válido para a Índia e a China. Então, o que eu quero frisar é que a origem daquilo que o Sr. Gurdjieff nos traz é outra. Ele descobriu escolas esotéricas que detinham a Ciência dos Movimentos. E o que é isso? Isso aqui talvez seja a coisa mais importante que tenhamos de desenvolver. O que é que chamamos de “a Ciência dos Movimentos”? É uma ciência em que usamos a natural tendência do ser



humano, ou melhor, mais do que tendência, a naturalidade humana em movimentar-se, para chegarmos a um dado fim, que é o seguinte: essa ciência usa os movimentos, codifica-os e estrutura-os de tal forma que eles produzem em um primeiro grandíssimo plano – digo grandíssimo, porque leva muito tempo – aquilo que no ensinamento gurdjieffiano se chama de um ser humano equilibrado. Então veja: uma coisa é, digamos, praticar danças como no Candomblé, onde se procura entrar em transe, ou seja, em um certo estado de consciência “alavancado”, e outra coisa é estruturar movimentos onde se procura desenvolver e equilibrar os três centros do praticante e também lhe dar uma consciência lúcida. Então, vamos entender bem: a Ciência dos Movimentos visa, em um primeiro grande plano, desenvolver harmonicamente cada um dos três centros do praticante; em segundo lugar, visa coordenar e harmonizar esses três centros e, em terceiro lugar, a partir disso, ver nascer nele uma consciência lúcida que englobe e sintetize os três centros. Então, trabalhamos em quatro planos. Evidentemente, aqui há uma coisa muito interessante: essa consciência lúcida, que a gente vê quase como um produto final, já existe desde o início, porque sem uma

consciência lúcida os três centros não se desenvolvem; eles não se desenvolvem sozinhos. É assim que isso tem de ser compreendido. Não há muita complicação nisso não, pode parecer estranho para quem não pratica, mas é assim: a mesma coisa que resultará no produto final já está no trabalho inicial. Nesse sentido, portanto, o Sr. Gurdjieff claramente entra em contato com escolas que detêm esse *know-how*, esse conhecimento. Vamos examinar agora a origem metafísica dessa história.

Lembremos que, na visão gurdjieffiana, o universo é um raio de criação, e existe o Absoluto do qual nascem mais seis planos, sendo o primeiro o mundo três ou mundo da Santíssima Trindade. Em vez de chamá-lo de mundo da Santíssima Trindade, podemos representá-lo como um triângulo equilátero em cujo

vértice superior está a consciência, ou consciência lúcida ou atenção lúcida; no outro vértice estão os pensamentos e no outro, as emoções. Se entendermos o mundo número três dessa forma, compreenderemos qual é o fundamento dos movimentos. Naturalmente, para completar o quadro temos de colocar o quarto elemento, que é o corpo sólido. Qual é a relação disso com os Movimentos? É a seguinte: tudo no universo é filho dessa tríade, ou seja, o sol, os astros, a terra, tudo é consciência lúcida e é também, de alguma maneira, pensamento e emoção. O que é emoção? Emoção é movimento, é a energia de movimento de todo o universo. Esse é um conceito elementar que nós vamos, inclusive, colocar a partir de amanhã no Seminário: emoção é a energia de movimento de todo o universo. Por exem-

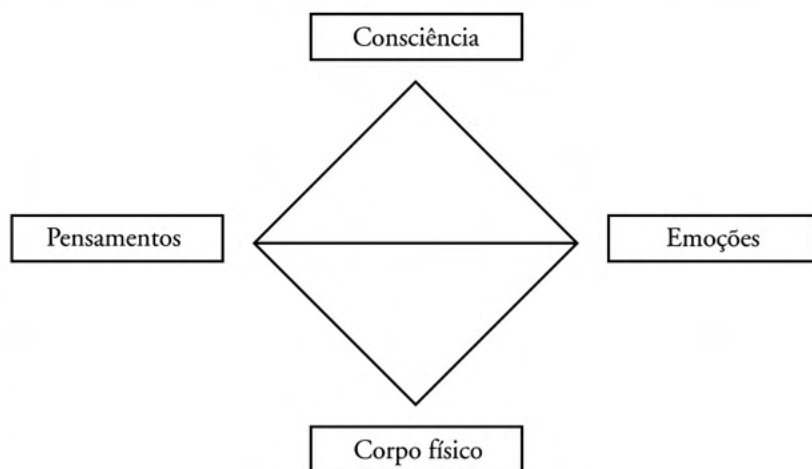


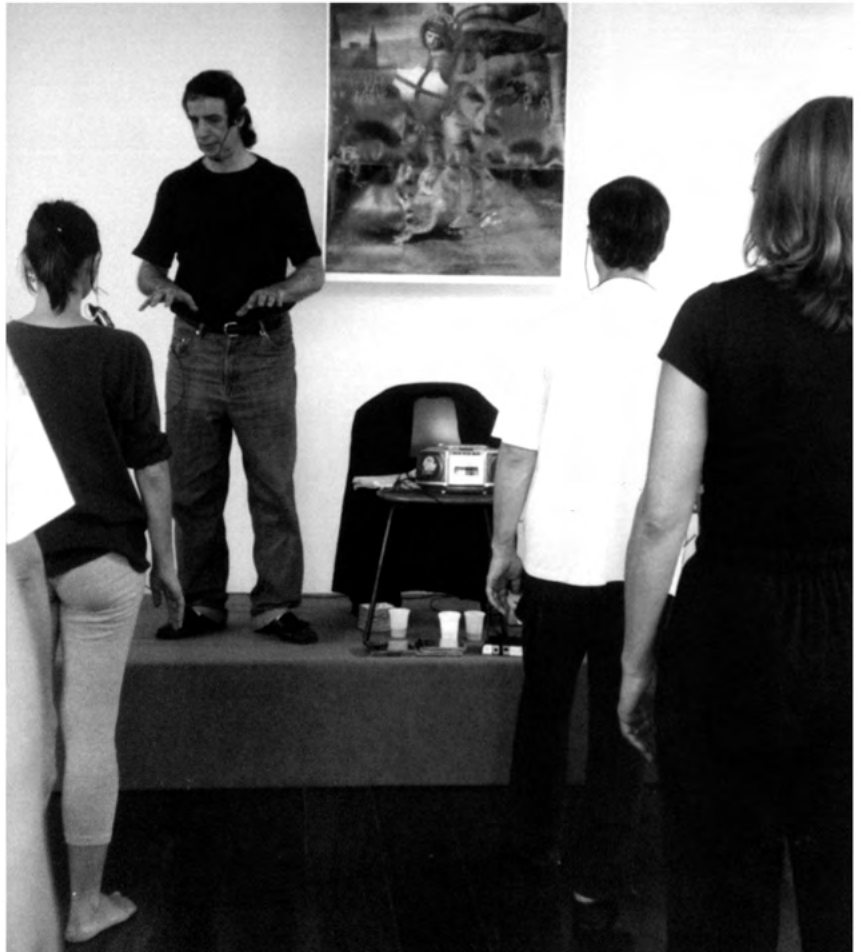
Gráfico do mundo número três



plo, o ar se movendo é emoção no sentido cósmico. Achamos estranha essa idéia, pois temos o conceito de que emoção é, por exemplo, ficar com raiva. Então, a partir dessa tríade inicial, os Movimentos Iniciáticos que o Sr. Gurdjieff nos oferece procuram trabalhar esse modelo: cada praticante tenta reconstituir em si uma consciência, um pensamento de qualidade, uma qualidade emocional e um movimento de qualidade no corpo físico (que seria o quarto ponto, formando um losango). É isso que ele nos traz. Na pergunta inicial, onde vocês falam em danças sagradas, acabei classificando-as como uma coisa mais exterior, mais para o público porque, pelo menos na nossa forma de ver as coisas, eu volto a dizer, sem negar a várias delas eventuais qualidades, elas não contêm esse caráter tão agudo, tão específico e tão preciso. Aqui não se pode admitir o conceito do mais ou menos. Aqui é trabalho interior mesmo, uma coisa muito específica, em que o sujeito sabe qual é seu objetivo ao fazer os Movimentos. Então, o primeiro grande patamar – e poderíamos falar de mais um ou dois, no mínimo – é desenvolver, através de uma consciência lúcida, um mental de qualidade, uma emoção de qualidade, um corpo de qualidade, entrelaçar os três e

assim, de uma certa maneira, alavancar aquela consciência lúcida que, na verdade, iniciou todo o processo. Eu insisto nisso: o primeiro grande objetivo dos Movimentos é esse. Levamos anos, muitos e muitos anos para formar um núcleo de pessoas que se beneficiasse dessa qualidade; não se faz isso em um ou dois anos. Então, o que o Sr. Gurdjieff recupera e traz para o Ocidente é exatamente isso, uma coisa que estava-se perdendo, completamente diluída. Constatamos no mundo

chinês, em uma pesquisa sobre movimentos, uma competência enorme. É no Taoísmo que encontramos algo um pouco mais próximo do que nos trouxe o Sr. Gurdjieff, mas ainda assim a contribuição dele continua sendo, é claro que do nosso ponto de vista, superior e única, porque é absolutamente precisa. Eu repito: o que os Movimentos visam (em uma primeira etapa) é o que se chama, em termos do nosso trabalho, a construção do homem número quatro.



Paulo Raful, o instrutor de Movimentos



SER - Então, na sua opinião, é esse o significado e o objetivo dos Movimentos no trabalho gurdjieffiano?

PR - Sem dúvida. Isso é uma das coisas que confere ao trabalho gurdjieffiano um caráter único. Desenvolvemos um pouco do assunto ainda ligado àquela questão inicial que, aliás, é muito ampla; daria para escrever vários volumes em cima disso. Quando o Sr. Gurdjieff faz contato com as escolas, os centros que detêm esse tipo de conhecimento aplicado à movimentação do corpo, ele recebe ali princípios, leis e técnicas de como fazer isso, porque não se pode fazê-lo de uma maneira qualquer. É por isso que, quando vocês fizeram aquela primeira pergunta – se ele teria se inspirado em alguma coisa – eu falei que ele pode ter adaptado um gesto ou outro de certas fontes, mas ele constrói seus exercícios, seus Movimentos, a partir de leis esotéricas. Ele se baseia em um conhecimento muito grande da fisiologia sutil do corpo humano, de como ler os chacras, meridianos, etc., da estrutura tríplice do ser humano. Nós desenvolvemos aqui na primeira pergunta uma coisa que nos parece natural, pois estamos acostumados com essa linguagem, mas, para pessoas que não têm contato com o nosso grupo, isso pode parecer uma novidade total. Devo acrescentar que se parte do seguinte: a

estrutura do ser humano é quádrupla, e é importante frisar isso, pois poderíamos desenvolver a questão de outras formas. Portanto, existe, em um certo plano, uma consciência que podemos chamar de “Eu Real” ou de “Amo”, e depois, em outros três planos, temos o mental, o emocional e o biológico/sexual. Isso poderia ser dividido de outras maneiras, mas vamos dividir assim para simplificar. Essas escolas, que ele conheceu e que são ignoradas pelo grande público, detinham um conhecimento intenso e claríssimo de toda a estrutura humana e das suas correspondências com o universo. Nesse sentido, portanto, a idéia de desenvolver os três centros, harmonizá-los e sintetizá-los em torno da idéia de um Eu Real, de um Amo, é lapidar, no trabalho gurdjieffiano. O Sr. Gurdjieff insiste com frequência, de modo extremamente marcante, que o primeiro grande passo é o aparecimento do homem número quatro. E os Movimentos não são, evidentemente, a única maneira de se chegar a isso; caso contrário, uma pessoa que não consegue se movimentar não teria a possibilidade de se desenvolver. Mas eles são um instrumento privilegiado e especial, que oferece outra possibilidade de desenvolvimento. Mas é evidente que não constituem o único caminho, porque exis-

tem muitas tradições respeitadas que jamais praticaram Movimentos. Por exemplo, a tradição Zen, respeitada por todo o mundo, inclusive por nós, não pratica Movimentos; seus adeptos podem praticar alguns gestos e passos, mas não Movimentos no sentido que lhes estamos dando nesse diálogo. Também os próprios Dervixes, os giradores, que a gente já viu se apresentando, só têm aquilo que nós, que não somos iniciados no sistema deles, sabemos ser uma coisa limitada (embora de muita qualidade), ao passo que o sistema do Sr. Gurdjieff possui um meio muito direto de possibilitar o equilíbrio do nosso Ser. Não se pode esquecer que, dentro do ensinamento gurdjieffiano, partimos da compreensão de que o ser humano dispõe de três centros básicos e que tem, sobre si, a possibilidade de uma consciência lúcida, que seria seu Eu Real. Todo o nosso trabalho consiste nisso que acabamos de expor.

SER - O Sr. Gurdjieff chegou a criar séries de movimentos que transmitia aos alunos mais antigos? Essas séries foram documentadas de alguma forma?

PR - A resposta é sim, é claro. Há um grande conjunto de movimentos desenvolvidos por ele e, naturalmente, ele se preocupou em fazer isso. A falecida Madame de Salzman, seu braço direito, sua



grande herdeira, documentou tudo em uma série de filmes de excelente qualidade, e de difícil execução, devido a problemas de iluminação, tendo-o feito até com a participação de grandes cineastas franceses; foi um trabalho penoso e de alta qualidade. Evidentemente, esse acervo existe; seguramente o Grupo de Paris o possui, e é provável que os de Londres e Nova York também, mas isso já não posso afirmar; sei que o de Paris tem. Mas existe um problema quase insolúvel, que é o seguinte: os detentores do acervo têm o maior pudor de tornar público esse material e isso é natural; no lugar deles teríamos o mesmo pudor ou até maior, porque sabemos o que as pessoas, em geral, fazem com o que recebem. A posição deles é absolutamente compreensível e defensável. Quando Madame de Salzman era viva, apresentava no cinema, em sessões especiais, cada filme que ela produzia. Eu assisti a três ou quatro delas em Paris, que ela exibia só para pessoas escolhidas do Grupo, numa sala, dentro de uma atmosfera poderosíssima. Se, por exemplo, a gente se impressiona com o que vê no filme de Peter Brook, ali há muito mais, porque é só aquilo. Ela começou filmando em preto e branco e não sei se chegou a fazê-lo em cores também; os em preto e branco eram magníficos, realmente excep-

cionais. Entretanto, aqui entra a questão do que fazer com esse material. Vai ser usado por quem? Como? Há um grande problema aí, clássico em todas as tradições. Tanto a tradição chinesa quanto a hindu, que são tradições exemplares, tiveram o mesmo problema com as suas práticas, não obrigatoriamente com Movimentos, mas com conhecimentos e tudo o mais; tiveram o mesmo receio, e isso determinou uma coisa curiosa: muitas dessas práticas e conhecimentos acabaram-se perdendo, porque, para proteger o material, ele não foi oferecido ao público, e isso é absolutamente compreensível. Por outro lado, existe o risco de que as pessoas que detêm a guarda do material não se interessem por ele, não o desenvolvam e se tornem meros guardadores, como os bibliotecários de uma biblioteca que são apenas funcionários burocráticos. Há, portanto, um problema sério aí, que eu reputo insolúvel: o material não circula, e não circulando morre, desaparece de novo. É claro que você poderia argumentar, de modo verdadeiro, que uma série de pessoas desses grupos que mencionei pratica esses movimentos. Porém, com o desaparecimento da Madame de Salzman e de Michel de Salzman, o que realmente fica? Será que não se inicia aí um processo de decadência, de perda? Então, eu considero o pro-

blema insolúvel; ninguém tem culpa, é assim mesmo.

SER - Como alunas antigas, sabemos que nosso grupo passou por diferentes etapas no que diz respeito às aulas de movimento, isto é, por formas e instrutores diferentes. Como você vê esse caminho desde o início até hoje?

PR - A pergunta é muito interessante, porque permite fazer um gancho com o que se falava anteriormente. Devido a vários fatores, entre os quais o fato de que morávamos no Brasil, nossas idas à Europa, ao Grupo de Paris especificamente, aconteciam duas vezes por ano, por um período curto de quarenta dias a cada vez. Isso durou aproximadamente quinze anos. Em função dessa circunstância, não conseguíamos engrenar uma aprendizagem formal dos movimentos. Era uma questão que nos incomodava muito, mas que teve um brilhante lado positivo. Em um dado momento, percebemos que o problema não se resolveria no futuro, e vimos que o nosso papel seria o de tentar compreender os princípios envolvidos nos movimentos. E foi o que fizemos. Por isso, o conteúdo, a forma como, pouco a pouco, desenvolvemos aqui os movimentos foi mudando à medida que compreendíamos cada vez melhor os seus princípios. Essa compreensão levou muitos anos para se formar, e



exigiu de nossa parte um aprofundamento, um estudo, uma pesquisa em muitas fontes. Evidentemente, não temos a pretensão de dizer que compreendemos tudo, de jeito nenhum, e isso deve ficar claro: há ainda muito a compreender. Mas podemos dizer com segurança que apreendemos os

de Hartmann os princípios de sua música. Não sei dizer se ele os transmitiu ou se Thomas de Hartmann, um músico altamente qualificado, descobriu-os; é possível que as duas coisas tenham acontecido juntas, ou seja, que o Sr. Gurdjieff, vendo que o sujeito estava entendendo, ajudou-o.

logo: a música objetiva ou, melhor dizendo, a música gurdjieffiana, da qual não temos uma compreensão e que apenas apreciamos, obedece a estruturas, princípios; o mesmo acontece com os Movimentos. Nosso esforço, de muitos anos para cá, tem sido na direção de buscar a compreensão dos princípios básicos dos Movimentos. Como eu disse, a gente não tem a pretensão de dominar tudo, há ainda muita coisa que poderia ser desenvolvida. Mas estamos realmente seguros sobre os princípios básicos.

SER - Conta para a gente como você cria os movimentos e escolhe as músicas que os acompanham?

PR - É exatamente a partir do que acabamos de expor. Partimos sempre desses princípios, que envolvem, primeiro, uma compreensão da estrutura do ser humano; segundo, uma compreensão de como circula nele a energia e ainda uma compreensão de tempo, de ritmo. Isso envolve, curiosamente, uma compreensão cada vez mais fina da psique humana e da correspondência entre partes do corpo e os centros em sua profundidade. É a partir daí que se constroem os Movimentos, sempre e fundamentalmente objetivando a gradual formação do ser humano harmônico. Quanto às músicas, temos dado preferência às tradicionais, não só



Aula de Movimentos

princípios básicos e, a partir deles, passamos a ter outra condição de estruturar os exercícios de movimento. Vamos dar um exemplo paralelo, em um campo que não dominamos, pois não somos músicos: o Sr. Gurdjieff, em um dado momento, transmitiu a Thomas

É claro que ele não transmitiu esse conhecimento só para ele; deve tê-lo passado também à Madame de Salzman que, por sua vez, deve tê-lo transmitido ao Alain Kremsky – pianista e pessoa de altíssima qualidade no setor. Com os movimentos acontece algo aná-



as compostas pelo Sr. Gurdjieff e por Thomas de Hartmann, como também as que a nossa percepção indica. São todas músicas de qualidade, tradicionais; não temos, praticamente, usado nada contemporâneo, nada moderno. Temos pesquisado músicas do mundo inteiro, procurando peneirar músicas religiosas, músicas antigas e tradicionais que tenham a atmosfera que pretendemos dar aos movimentos.

SER - O que você tem em mente quando propõe, nas aulas, situações de imobilidade física, movimentos em câmera lenta e movimentos rápidos?

PR - Na ciência dos movimentos, usamos essas três situações como base. A imobilidade completa facilita a tomada de consciência do corpo e de uma série de processos internos, a consciência da movimentação energética interna. Os movimentos em câmera lenta são uma extensão disso: permitem conservar em grande parte essas percepções que acabamos de mencionar. Já os movimentos mais rápidos não visam isso. O que eles possibilitam é um trabalho específico sobre os três centros, é o desenvolvimento deles. Aqui já estamos tocando um pouco aqueles princípios de que falávamos e que fomos descobrindo pouco a pouco. Concebemos o ser humano como composto por



O tambor marca o ritmo

três centros fundamentais, e que existe também uma energia fluindo nele, que é outro setor. Para a energia, fazemos as práticas imóveis e as lentas. Vou fazer uma analogia para facilitar a compreensão: se consideramos um ser humano do ponto de vista de sua anatomia, como composto de órgãos como o fígado, os pulmões, o coração, etc., vemos uma estrutura que corresponderia à

estrutura de três centros; já o sangue que flui por tudo isso, por essa estrutura anatômica, corresponderia à energia vital. Posso e devo estudar e praticar coisas relativas ao desenvolvimento dos centros, ou seja, à estrutura interna do ser humano, digamos sua estrutura psíquica, e devo também praticar atos que facilitem a percepção do movimento energético, que é outra história. As pessoas que só pra-



ticam movimentos rápidos, e vemos isso em uma série de disciplinas chinesas, acabam obrigatoriamente tendo uma consciência muito exterior, e acabam perdendo também o sentido de desenvolver os três centros, porque a consciência se projeta muito, vai muito para o gesto em si, vira quase uma arte marcial. Nesse sentido, portanto, usamos os dois primeiros recursos mencionados para possibilitar a fina percepção da energia que flui – o que exige despreocupar-se com o gesto motor – e a movimentação mais rápida para o desenvolvimento claro do processo mental, do emocional e do corpo.

SER - Como surgiu a idéia de criar a Miss Molly? Sendo ela mulher, achamos que foi sua intenção prestar homenagem ao feminino, trazendo com ela qualidades como relaxamento, soltura e maciez. Isso está correto? E você já pensou na possibilidade de formar um boneco, símbolo do masculino, que teria qualidades como objetividade na ação, clareza e firmeza de intenções? Como seria esse boneco?

PR - Na verdade, não é por aí não, mas a pergunta é muito interessante, porque permite colocar uma coisa que, embora difícil, a gente espera que, pouco a pouco, as pessoas compreendam. Para quem não sabe, a Miss Molly é uma boneca de trapo, de pano, que temos aqui e que é toda mole,

e daí termos feito uma brincadeira com a palavra “Molly” em inglês, e já vou explicar porque o fizemos. Em primeiro lugar, quisemos oferecer às pessoas uma representação visual e concreta da idéia do relaxamento do corpo, essa coisa da boneca de trapo que faz isso. Existe um espetáculo que se apresenta nos palcos, aliás, brilhante, ao qual eu já assisti aqui em São Paulo, de um dançarino que dança com uma mulher de carne e osso vestida de boneca. A cena é a seguinte: ele entra no palco carregando uma mala pesada, abre-a, a moça está lá dentro e o público não sabe que ela não é uma boneca de trapo, porque ele a tira da mala e ela está toda desconjuntada. Então, a platéia está certa de que é uma boneca, mas não, é uma bailarina vestida de boneca de trapo. Muitos, na platéia, vão perceber que ela é um ser humano só no final, quando ela se apresenta. Nas ocasiões em que assisti ao número, admirei profundamente a qualidade de entrega, de soltura e de relaxamento dessas bailarinas. Então, a boneca de trapo visa mostrar às pessoas um dos pontos mais essenciais dos movimentos, que é a idéia do relaxamento ilimitado. Isso aqui já se conecta com aquilo de que falávamos antes, sobre a compreensão dos princípios. Você pode praticar, por exemplo,

os Movimentos que o Sr. Gurdjieff deixou e ser muito duro. Isso não é uma crítica, é uma observação que cheguei a fazer pessoalmente para a própria Madame de Salzmann (e provavelmente não agradei, mas fiz), de que os homens do “grupo um” de movimentos de Paris eram duros, tensos. Um deles, aluno do Dr. Conge, cujo nome não vou mencionar e que conheci pessoalmente, era de uma rigidez enorme, tinha até o maxilar travado, não se entendia nada do que ele falava. Ele inclusive aparece no filme *Encontros com Homens Notáveis*. Um dos pilares do trabalho sobre a movimentação do corpo, um dos pilares essenciais da formação do ser humano número quatro é a idéia da descontração, do relaxamento. É uma das idéias mais profundas, mais ricas e menos vividas pelas pessoas. Todos os professores de Tai Chi Chuan falam dela, mas são raríssimos os que realmente alcançam isso, que é um conceito fundamental dentro do Tai Chi Chuan. Foi por essa razão que colocamos a Miss Molly como uma espécie de ícone, de “padroeirinha” dos Movimentos. Agora quero aprofundar um pouco o assunto. Como eu lancei a provocação e ninguém se interessou, sou obrigado a expressar, né? Então, por que Molly? Por que esse nome? Essa palavra,



exatamente como está escrita, apesar da brincadeira que fizemos em inglês, vem do grego. “Molly”, uma palavra que encontramos em alguns textos, e é difícil encontrá-la, é usada para designar uma planta mítica, simbólica na verdade, que Hermes dá a Ulisses quando ele vai-se encontrar com Circe. Hermes chama Ulisses e diz: “Tome essa planta Molly:



Aula de Movimentos

com ela você poderá enfrentar Circe e ter um destino diferente do de seus companheiros”. Circe havia colocado todos os companheiros de Ulisses literalmente de quatro, como animais. O conceito é importante, pois Circe aqui significa as energias fundamentais do ser humano, que o mantêm em um estado animalesco; é a energia da vida, da sexualidade mal compreendida, da sobrevi-

vência, da competição, da agressividade, da emocionalidade negativa, e tal. Ora, a coisa fica absolutamente importante quando estudamos a estrutura da palavra Molly que, em português, deu origem a “mole”, relaxado. Então, fizemos essa brincadeira da Miss Molly e, infelizmente, apesar de eu ter provocado as pessoas, ninguém foi investigar seu significado. A idéia de relaxamento, a partir da conexão com a história de Ulisses, ganha um sentido profundíssimo: a única maneira de podermos lidar com as energias básicas da vida, que não são perversas, são apenas energias básicas – e é sempre bom frisar isso – é através de uma profunda e consciente descontração, de uma profunda, crescente e ilimitada descontração. O que faz essa descontração? Uma coisa absolutamente extraordinária! Na tradição taoísta, a gente diz que há dois níveis de fogo: o fogo secundário, que significa exatamente o que acabamos de mencionar, isto é, a sexualidade desenfreada e mal compreendida, a emocionalidade mal compreendida, a competição pela vida, o conflito: tudo isso é chamado fogo secundário. Os taoístas são precisos nisso, e nós também insistimos nesse ponto. O efeito da descontração, do relaxamento é que faz você sair do fogo secundário, que origina to-

das as guerras e conflitos, e chegar ao fogo primário, que é a substância de vida maravilhosa, terapêutica, produtora do desenvolvimento espiritual ou, para sermos coerentes com o nosso papo de hoje, do ser humano harmônico. Então, aqui fica mais claro o sentido da Miss Molly, da planta Molly. Todo mundo que pratica a descontração e o relaxamento através dos Movimentos, ou na posição sentada, ou andando na rua, ou na vida, está consumindo essa planta – que é a planta do grande Hermes – exatamente para se liberar, em alguma medida, do fogo que se deturpou e chegar ao fogo original. Esse é o sentido da Miss Molly, e ele não pode dar origem a um boneco masculino, porque a grande visão que pouco a pouco fomos alcançando é que, exatamente do relaxamento, que poderia ser chamado de movimento feminino, de entrega, de largar – um movimento Yin – é que nasce o verdadeiro movimento Yang. É por isso que se dizia, na tradição do Zen japonês, que o homem por excelência teria de ser um samurai, um guerreiro e um poeta. Essa concepção é oposta à que existe no Ocidente, onde a masculinidade é confundida com brutalidade, com força, com musculatura, com o falar grosso e outras manifestações do tipo. A verdadeira masculinidade só pode nascer



de uma profunda descontração. No Ocidente, confunde-se masculinidade não apenas com musculatura, mas também com competitividade, com ganhar dinheiro, vencer o outro, e isso não é a verdadeira masculinidade. A Miss Molly, compreendida nesse sentido – e espero que todos os que fazem Movimentos conosco compreendam –, é uma maravilha completa, porque toda a ciência dos Movimentos repousa em grande parte na ciência e na arte da descontração, do relaxamento.

SER - Como instrutor de Movimentos, você ocupa uma posição privilegiada, podendo ver todos os seus alunos em movimento. É possível fazer um diagnóstico perfeito das dificuldades de cada um durante as aulas?

PR - De fato, a posição de poder ver o conjunto da classe é privilegiada, porque, quando as pessoas se movimentam em uma classe de Movimentos, suas personalidades e tipos se tornam mais aparentes. Temos de distinguir personalidade e tipo. Como vocês têm acompanhado, temos feito aqui todo um esforço de compreensão dos tipos, estudo que denominamos hoje “Tiposofia”. Temos, portanto, de um lado a personalidade, ou seja, as características adquiridas pela pessoa desde seu nascimento e, de outro, dizendo de maneira simplificada, temos o

tipo, que é um conjunto de características inatas. É muito interessante, para quem está nessa posição de olhar a classe inteira, ver isso se manifestando o tempo todo. De uma maneira muito prudente, muito delicada, a gente vai procurando indicar, nas classes, esses detalhes para as pessoas. Temos de ser muito prudentes e habilidosos ao fazê-lo, pre-

cisamos ter tato, porque as pessoas, quando fazem os Movimentos, estão particularmente sensíveis, e a última coisa que a gente quer é que tomem isso de forma negativa. Alguns têm a tendência a receber qualquer observação como implicância ou perseguição, mas isso faz parte da subjetividade humana. Sim, podemos ver com muita clareza, e eu devo con-



Aula de Movimentos



fessar que essa é uma das grandes dificuldades ao dar uma aula de Movimentos porque, na prática, os tipos são tão diferentes do seu, vão tão contra as suas tendências pessoais que muitas vezes você quer matar um, trucidar o outro (risos). Então, o tempo todo, a classe de movimentos fica sendo uma oportunidade de praticar a humildade e, mais do que humildade, a tolerância, porque você tem de se alargar de tal maneira ao ver coisas tão absurdas que, ou você se amplia ou você se desliga, ou se separa do seu próprio tipo, de sua personalidade, ou vai brigar com todo mundo ali.

SER - O que você sente ao ver reunidos, em uma mesma classe, alunos de faixas etárias tão diferentes, e até mesmo pais e filhos dançando juntos?

PR - Eu acho ótimo, eu gosto muito disso: na prática, demonstra que a gente está atingindo várias faixas etárias que, misturadas, podem ajudar-se umas às outras. É espantoso ver aqui no Grupo que pessoas de idade mais avançada estão-se desempenhando brilhantemente, porque os Movimentos, em nossa forma de ver, não têm nada de uma prática atlética. Nesse sentido, portanto, uma pessoa mais velha, desde que possa movimentar-se, pode praticar os Movimentos – e isso é muito estimulante. Temos obser-

vado que isso estimula os dois lados, os muito jovens e os bem mais velhos, uns pela presença dos outros. Para mim, dá muita satisfação, é muito agradável.

SER - Por meio dos *Fragments do Ouspensky* e do *Nossa vida com Gurdjieff* do Thomas de Hartmann, soubemos que o Sr. Gurdjieff começou a criar um balé intitulado “A Luta dos Magos”, e parece que esse trabalho nunca chegou a seu termo nem foi apresentado ao público. Você já pensou na possibilidade de, prestando homenagem ao Sr. Gurdjieff, criar algo semelhante no Grupo Gurdjieff de São Paulo?

PR - Eu tenho a impressão, não estou muito certo, mas acho que ele encenou um pouco disso tanto em Paris quanto em Nova York nos anos 20, tenho quase certeza. Não, eu nunca pensei em formar um balé ou fazer uma apresentação pública, o que não quer dizer que não possa acontecer no futuro, mas, pelo menos neste momento, não. Nossa preocupação hoje é determinar uma qualidade muito grande para o trabalho interior de cada indivíduo, principalmente para o Ser de cada indivíduo. Se no futuro as coisas caminharem em direção a essa possibilidade ou se houver interesse que aconteça até uma apresentação pública, a gente não descarta a hipótese. Mas, é claro, com muita humildade. Não faríamos algo

como *A Luta dos Magos*. O máximo que poderíamos fazer seria uma humilde e modesta homenagem ao Sr. Gurdjieff, mas nunca tentar copiar algo feito por ele.

Como esta é a última questão, eu quero dizer o seguinte: o assunto dos Movimentos é quase inesgotável. Hoje, falamos um pouco dele e eu não me lembro de ter visto em nenhum lugar pessoas de um Grupo Gurdjieff publicarem algo sobre o assunto, o que é uma pena! Isso não quer dizer que não haja algo nessa direção, mas eu desconheço, é bom frisar isso. Este fato está conectado com aquele problema inicial de que falávamos, sobre a guarda de segredos, que é sempre uma faca de dois gumes. É uma pena, porque alguma coisa se perde com isso. Mas eu quero insistir que esse é um assunto muito amplo e vou dar um exemplo. Nós falávamos que, em um primeiro grande nível, que dura muito tempo, pretendemos, com os Movimentos, ajudar a pessoa a se transformar em um ser humano número quatro. Mas é evidente que, se houver uma certa quantidade de pessoas que atingiu esse nível pelo menos na classe de Movimentos, poderíamos especular se a qualidade que elas estão produzindo ali não teria uma repercussão ambiental, atmosférica. Ora, a partir disso, os Movimentos ultrapassam o nosso primeiro



grande objetivo para tornarem-se um ritual que poderia obter resultados exteriores, inclusive de benefício para o ser humano em geral, e isso já seria um segundo plano. Em terceiro plano – estou colocando didaticamente de forma seqüencial, mas eles se dão mais ou menos ao mesmo tempo –, à medida que essa qualidade que mencionávamos começa a surgir, as classes não teriam só um sentido ritualístico no sentido de trazer benefícios para a humanidade, portanto, ao plano horizontal e lateral, mas também o sentido de estabelecer conexões com planos cada vez mais altos do universo. Não quero dizer que isso não esteja acontecendo hoje, já está acontecendo em alguma medida, porque essas coisas não são seqüenciais, mas concomitantes. Estou fazendo essas divisões apenas porque cada uma delas comportaria todo um desenvolvimento. Então, o esforço que vocês estão fazendo nesse primeiro papo (nada impede que no futuro tenhamos outros), o que a gente pretende com ele é que as pessoas não mediocrizem os Movimentos, que não pensem que os Movimentos são uma coisa que elas vêm fazer aqui uma vez por semana para se sentir melhor e vão embora. Não! Os que vêm dessa forma estão mediocrizando os Movimentos.

A GUERRA PODE SER DETIDA?

(Texto tirado do livro *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, de P. D. Ouspensky, págs. 39-40 da edição em português da Editora Pensamento)

A conversa se iniciara pela minha pergunta:

– A guerra pode ser detida ?

E G. respondera:

– Sim, isso é possível.

No entanto, acreditava ter adquirido, das nossas conversas anteriores, a certeza de que responderia: “Não, isso é impossível”.

– Mas a questão toda é: “como?”, prosseguiu. É necessário um grande saber para compreendê-lo. O que é a guerra? *A guerra é um resultado de influências planetárias.* Em algum lugar, lá em cima, dois ou três planetas aproximaram-se demais; disso resulta uma tensão. Já observou como fica tenso, quando um homem roça em você numa calçada estreita? A mesma tensão se produz entre os planetas. Para eles, isso talvez só dure um ou dois segundos. Mas aqui, na terra, as pessoas começam a se massacrar e continuam massacrando-se durante anos. Em tais perí-

odos, parece-lhes que se odeiam umas às outras; ou talvez que seja seu dever massacrar-se por algum propósito sublime; ou então, que devam defender alguma coisa ou alguém e que seja muito nobre fazê-lo; ou qualquer outra coisa deste gênero. São incapazes de se darem conta de até que ponto são simples peões num tabuleiro de xadrez. Atribuem a si uma importância; crêem-se livres de ir e vir a seu bel-prazer; pensam que podem decidir fazer isto ou aquilo. Mas, na realidade, todos os seus movimentos, todas as suas ações, são o resultado de influências planetárias. E sua própria importância é nula. Quem tem o grande papel é a lua. Mas falaremos da Lua mais tarde. Basta compreender que, nem o Imperador Guilherme, nem os generais, nem os ministros, nem os parlamentos, não significam nada e nada fazem. Numa grande escala, tudo o que acontece é governado do exterior, seja por combinações acidentais de influências, seja por leis cósmicas gerais.

AS DUAS GUERRAS

Luiz Henrique Domingues

“Com relação ao seu psiquismo geral e a seus traços fundamentais, não importa de que parte da superfície de seu planeta eles tenham surgido, seus traços possuem precisamente as mesmas particularidades, graças às quais apenas neste estranho planeta, no Universo inteiro, acontece esse horrível processo entre seres de três cérebros, que é chamado de ‘processo da destruição recíproca da existência do outro’, ou, como é chamado nesse planeta desafortunado, guerra.”

(*extraído do capítulo 14 do livro Relatos de Belzebu a seu Neto – De Tudo e Todas as Coisas, de Georges I. Gurdjieff*)

No trecho acima, Belzebuth diz a seu neto que uma das particularidades mais marcantes da condição anormal dos seres humanos é a guerra. O tema da guerra é abordado inúmeras vezes ao longo deste livro, apontando para o horror da situação da humanidade. Mas sabendo-se que se trata de um livro simbólico, que possui, portanto, vários níveis de leitura, pode-se presumir que a insistência em relação à questão da guerra possui também outros sentidos. Se considerarmos que a guerra exterior existe no mundo porque há uma guerra interior em cada ser humano, abrem-se interessantes abordagens.

A guerra é o conflito entre as partes, nela não há unidade. A guerra é o inverso da harmonia,

palavra-chave no ensinamento do Sr. Gurdjieff. Então o que seria a guerra interna? Se considerarmos que os seres de três cérebros, como Belzebuth nos chama, são formados de três centros, que são responsáveis, respectivamente, pelas funções intelectuais, emotivas e físicas, essa guerra seria nossa situação cotidiana, em que cada uma dessas partes quer ir para um lado, tentando impor seu desejo ao conjunto. Por exemplo, decido parar de tomar café, porque ele faz mal para o meu estômago, mas, quando me percebo, já o estou tomando.

Há em nós um conflito interno, em que cada centro tenta dominar o outro, roubar-lhe a energia numa destruição mútua. Não sou

uma unidade, mas uma multidão, e essa situação fragmentada gera em nós tristeza e vazio. Em suma, estamos afastados do grande tema deste livro, que é a nossa vocação para sermos *Individuum*.

Essa análise possibilita uma conexão com o motivo de Belzebuth habitar no planeta Marte. Por que Marte? Uma das interpretações possíveis é o fato de Marte ser o deus da guerra. Belzebuth simboliza um estado superior de consciência, o âmago do nosso ser, a nossa alma. Ele habita no planeta cujo nome é o do deus da guerra. Então podemos tomar Marte como um estado superior de guerra. Mas por que dizemos isso? Se a guerra é o conflito de duas partes, há nela o atrito. Onde há atrito, há so-



frimento. Portanto, Marte pode simbolizar o atrito no trabalho interior, pode ser uma das formas de falar em sofrimento voluntário, pois é o atrito que ocorre na presença da consciência, representada por Belzebuth. Isso explicaria a razão de o texto abordar tanto o tema da guerra.

Vivo habitualmente em minha guerra interna, destruindo os benefícios que construo, destruindo as energias que produzo e voltando à estaca zero. É o sofrimento inútil. Por exemplo, uma pessoa me fala algo ofensivo. Imediatamente, um conflito surge em mim. Geralmente, reajo automaticamente com cólera, desconfiança, ou seja o que for. Mas, se a consciência participar desse processo, a qualidade do conflito se altera e ele pode me servir, ao invés de me consumir. É dessa guerra que Marte é o representante, uma guerra santa, em que o atrito permite o desenvolvimento do nosso ser, pois é através dele, da luta do “sim” e do “não”, que se produz a fusão e a unidade interior. O atrito produz fogo, elemento central na Alquimia. É o fogo consciente que transmuta nossas angústias, nossa raiva, nos-

sa inveja. Surgido do conflito entre duas coisas, o atrito consciente é a terceira força, ou, em linguagem religiosa, é a manifestação do Espírito Santo.

Se essa leitura é correta, então teremos de optar entre uma das duas guerras, a que consome ou a que eleva. Não posso ficar isento de opção, pois sempre haverá o fogo interno, a energia tem de fluir, cabendo a mim a decisão do caminho a seguir. O problema é que a guerra mecânica é fácil, é deixar-se levar pelo fluir do rio; eu simplesmente reajo e sou carregado pelos acontecimentos. A guerra santa implica um esforço consciente, nadar contra a corrente natural da vida, que quer lançar minhas energias para fora. Ela está ligada ao sentido esotérico do sacrifício.

Para finalizar, foram colocados de forma bem resumida alguns trechos do capítulo 27, onde há uma visão mais ampla desse assunto, seguindo a afirmação gurdjieffiana de que no mundo existem apenas duas forças lutando: consciência e mecanicidade. Nos trechos a seguir, podemos entender os “desejos” como os impulsos dos planos inferiores do nosso ser; é o homem

mecânico governado de baixo para cima. E os “não-desejos” representando as manifestações dos planos superiores, é o ser humano governado de cima para baixo.

“Os fatores para o impulso do ser de consciência nascem das partículas das emanações da aflição do Criador... a fonte da manifestação da consciência no homem costuma ser chamada de Representante do Criador.”

“Essa aflição é provocada no Criador pela luta sem descanso no Universo entre alegria e sofrimento.... devido aos dados cristalizados em nós para gerar a consciência, todo o nosso conjunto e toda a nossa essência, até a raiz, são exclusivamente sofrimento... e eles precisam ser sofrimento, porque a consciência não pode se manifestar plenamente em nós a não ser pela luta constante entre dois funcionamentos por natureza completamente opostos... cujos resultados sempre percebemos, uns como “desejos” e outros, como “não-desejos”... quem ajuda os “não-desejos” a predominar sobre os “desejos” age de acordo com a essência do Criador... quem ajuda o contrário somente aumenta Sua aflição.”



HUMOR JUDAICO

Existem muitas anedotas sobre os “sábios” de Chelem, cidadezinha lendária da Europa. Esta, em particular, ouvi da boca do meu pai, que me perguntou um dia o que eu achava ser mais importante no caráter de um juiz. Concordamos em que a imparcialidade era essencial.

Havia um famoso rabino, reconhecido no mundo inteiro pela sua imparcialidade, que foi procurado por dois homens absolutamente inconciliáveis na sua briga. O rabi ouviu o queixoso por muito tempo e com toda a paciência. Ao final concordou com o queixoso:

“Você tem razão.”

A seguir, ouviu o acusado com a mesma atitude, concluindo em seguida:

“Você tem razão.”

Os dois homens se afastaram satisfeitos. Mas a mulher do rabi, que ouvira tudo, ficou desconcertada. Afinal, não é de se esperar que as mulheres entendam de assuntos legais.

“Como é possível que os dois tenham razão?”, perguntou.

O rabi pensou, pensou e repensou cuidadosamente e finalmente replicou:

“Você quer saber de uma coisa? Você também tem razão.”

O FOFOQUEIRO

(histórias de Mulá Nasruddin)

Certa vez um fofoqueiro encontrou Nasruddin na feira do Horto e segredou-lhe:

“Acabo de ver um homem levando um pato recheado num prato.”

“E eu com isso?” perguntou o mulá.

“Pensei que estivesse levando o pato para você...”

“E você com isso?”

QUANTO VALE A VERDADE?

(histórias de Mulá Nasruddin)

“Se aspiram à verdade” – explicava o Mulá Nasruddin a um grupo de buscadores que tinham vindo escutar seus ensinamentos –, “terão de pagar por ela.”

– “Por que se deve pagar por algo como a verdade?”, perguntou um dos presentes.

– “Não notaram vocês” – disse Nasruddin – “que é a escassez de uma coisa que determina o seu valor?”

O COMUNICADO

(histórias de Mulá Nasruddin)

Chegando à praça do mercado o Mulá Nasruddin pôs-se de pé e falou à multidão:

– Oh povo! Quereis o conhecimento sem dificuldade, a verdade sem falsidade, o ganho sem esforço, o progresso sem sacrifício?”

Imediatamente, juntou-se uma grande quantidade de pessoas que gritava: “Sim, sim!”

– “Excelente!” – disse Nasruddin –, “só queria saber. Podem estar seguros de que, se algum dia chegar a descobrir algo semelhante, sereis os primeiros a saber.”





Mulá Nasruddin

Gerhard Oberländer



KATHA UPANISHAD

Entenda o Eu como sendo o passageiro de uma carruagem,
e o corpo, apenas a carruagem.

Entenda o intelecto como sendo o cocheiro,
e a mente, apenas as rédeas.

Os sentidos, dizem, são os cavalos,
e os objetos dos sentidos são os caminhos ao redor deles.

(*atman*) Aquele que está ligado ao corpo,
aos sentidos e à mente,
o sábio proclama como sendo o único que se deleita.

Quando falta compreensão a um homem,
e sua mente não está sob controle,
seus sentidos não o obedecem,
como maus cavalos, ao cocheiro.

Mas quando um homem alcança a compreensão,
e sua mente está sempre sob controle,
seus sentidos obedecem-no,
como bons cavalos ao cocheiro.

Quando falta compreensão a um homem,
se está desatento e sempre impuro,
não alcança o último degrau,
pois entra no ciclo das reencarnações.

Mas quando um homem alcança a compreensão,
se está atento e sempre puro,
de fato, alcança o último degrau,
e, a partir daí, deixa de reencarnar.

Quando a mente de um homem é suas rédeas,
seu intelecto, o cocheiro,
ele alcança o fim do caminho,
o degrau mais alto de Vishnu.

Acima dos sentidos, estão seus objetos;
acima dos objetos dos sentidos, está a mente;
acima da mente, o intelecto;
acima do intelecto, o imenso Eu.





Acima do imenso Eu, está o não-manifesto;
acima do não-manifesto, está a presença;
acima da presença, não há mais nada.
Esta é a meta, o mais alto estado.

Oculto em todos os seres,
este Eu não se manifesta visivelmente.
Porém, as pessoas de visão aguçada o vêem,
com sua mente prodigiosa e clara.

Um homem sábio deve refrear sua fala e sua mente,
controlá-las com a inteligência do Eu;
deve controlar a inteligência com o imenso Eu,
e o último, com o Eu tranqüilo.

Levante-se! Acorde! Fique atento,
quando realizou os seus desejos!
É difícil caminhar sobre o fio da navalha –
essa, dizem os poetas, é a dificuldade do caminho.

Não há som ou toque,
não há visão, gosto ou cheiro;
não tem começo nem fim,
não se deteriora, é eterno.
Quando um homem compreende isso,
estando imóvel e além da imensidão,
livra-se das garras da morte.

O homem sábio que ouve e relata
a história de Naciketas,
uma velha história contada pela Morte,
regozija-se no mundo brâmane.

Se um homem, puro e piedoso, proclama seu grande segredo
numa reunião de brâmanes,
ou durante um velório,
isso o levará à vida eterna.

TREINANDO CAVALOS

Iza Goes

A necessidade de preparo físico do cavaleiro é o primeiro requisito para melhor aproveitamento da prática: estar sintonizado com o corpo é fundamental.

A possibilidade de comandar um animal de 600 kg, vigoroso e extremamente emocional, ensina-nos a ser calmos e deliberados com os gestos. O animal estabelece relações de causa e efeito entre os estímulos do mundo exterior e, às vezes, um pequeno movimento pode causar a maior confusão.

A observação dos gestos, atitudes e ações, é ferramenta preciosa para melhor conhecer o animal e por analogia supor estados de consciência e disposições.

Com a intenção de usar o mínimo de rédeas possível e conseguir que ele aceite comandos sutis,

provocados pelos estímulos do corpo do cavaleiro, precisamos trabalhar muito a musculatura do cavalo, principalmente do pescoço, com exercícios de alongamento, para que, completamente relaxado, aceite as ordens.

O cavalo, por sua natureza emocional, perde muito facilmente a concentração: qualquer coisa que se relacione com comida/reprodução/fuga e agressão em volta dele, rouba-lhe a atenção e ele passa a resistir aos ensinamentos e comandos.

Quando ele está muito resistente, usamos a técnica da quebra do pescoço. Consiste em dar dois comandos antagônicos, os quais abalam seu equilíbrio; com esse tranco, ele sai do seu universo e volta a ouvir os comandos do cavaleiro.

A técnica:

Peço-lhe que vá para a esquerda, apoiando meu corpo no estribo da esquerda; rédeas da esquerda soltas, ele deverá andar para a esquerda, mas, ao mesmo tempo, puxo vigorosamente as rédeas para a direita e bato com o pé direito na frente, pedindo também que ele vá para a direita. Dessa forma, abalo o seu equilíbrio e ele me ouve de novo.

Iza Goes trabalha com cavalos há vários anos. Neste artigo, ela compartilha sua experiência conosco para que possamos compreender da maneira mais prática possível o símbolo do cavalo na "Parábola da Carruagem" (vide Revista SER n.º 2).

**POR QUE VIVO
NESTE PLANETA?**



UM BUSCADOR A SERVIÇO DA COMUNIDADE

Entrevista com Dr. Yassuhiko Okay

SER - Okay, conte um pouco para a gente como é o seu trabalho profissional. O fato de ser filho de japoneses que, em geral, valorizam a ação comunitária, influenciou-o no trabalho que você exerce no Hospital das Clínicas?

Dr. O - No Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, temos grande compromisso com as crianças e seus pais, bem como com todos os profissionais que trabalham no Hospital. Como tenho o privilégio de estar no comando da instituição, tenho também a possibilidade de realizar muito. Quanto mais alto o cargo, maior o poder de fazer o bem ou o mal.

Uma instituição é como um organismo vivo. Para que funcione adequadamente, é necessário que haja interação harmônica entre todos os profissionais que trabalham em prol da saúde da criança. Nossa idéia sempre foi investir no crescimento profissional e humano das diferentes categorias profissionais. Nas instituições burocráticas, as pessoas vivem e morrem do mesmo jeito como ingressaram nelas. Predominam a cobrança e o controle. Cumprem suas funções mecânica e automaticamente.

Investimos no crescimento profissional dos funcionários de várias maneiras. Por exemplo, fizemos um convênio com a Universidade Anhembi-Morumbi, propiciando aos funcionários um curso noturno de gestão hospitalar realizado no próprio hospital.

Mais de 200 pessoas participam do curso. Negociamos o valor da mensalidade, que de 500 reais passou para 150.

Praticamos, na instituição, um tipo de gestão participativa. Todas as segundas-feiras, às 11 h, realizamos reunião do Conselho Diretor para discutir problemas institucionais. São reuniões abertas. Ali comparecem 70-80 pessoas. Para cada problema, destacamos um grupo para estudá-lo e apresentar propostas de soluções na próxima reunião. Isso agrega pessoas, que afinam suas diferenças e, aos poucos, constituem-se verdadeiras equipes. O modelo antigo era muito compartimentado, cada um na sua. Trabalhar junto e compartilhar não é fácil. É um processo longo e de grande aprendizado pessoal e institucional. Há alguns anos realizamos uma pesquisa na instituição, perguntando aos

funcionários o que os motivava a continuar trabalhando ali. O salário ficou em terceiro lugar. Em primeiro, apareceu o reconhecimento por parte da instituição e, em segundo, a possibilidade que ela proporcionava para o crescimento profissional.

Temos, também, a preocupação de promover o crescimento humano dos profissionais, enfatizando a questão dos princípios e valores, e a criatividade. Isso se dá por meio de discussões, palestras, filmes, etc. Recentemente, exibimos o filme *Patch Adams*, com o Robin Williams, que enfatiza o humano na prática da medicina. Nossa medicina é excessivamente técnico-científica. Dá pouco espaço para o interior das pessoas. Em uma outra ocasião, discutimos com o pessoal um filme do Kurosawa – *Viver*. É um filme incrível, com enorme conteúdo humano. Nessas reuniões, existem pessoas com diferentes formações e níveis intelectuais. Mas a linguagem do sentimento é comum a todas e isso as reúne.

Há alguns anos, com a anuência do Paulo e do Lauro, introduzimos, na rede de microcomputa-



dores da instituição, a primeira série de aforismos publicados pelo grupo. Todos os dias, ao ligar o seu micro, as pessoas se deparavam com o aforismo do dia. Os comentários eram os mais variados. No início, diziam: “isso não é comigo”, “legal”, “faz sentido” e assim por diante. Certamente, alguma semente se plantou na instituição e no coração das pessoas.

De outra feita, levamos o baralho do amor. Sorteávamos as cartas e conversávamos sobre o significado de cada resposta.

Até que, num certo dia, peguei todas as histórias em quadrinhos produzidas no grupo e levei. Constituímos pequenas equipes e cada uma representou uma das estórias. Em geral, comparecem cerca de 50 pessoas a essas reuniões: enfermeiros, assistentes sociais, recepcionistas, secretárias, pessoal da farmácia, do arquivo, etc. Foi uma experiência e tanto. Ao fim de cada representação, fazíamos comentários na medida do solicitado, sobre o significado das situações, dos símbolos, etc. É claro que tudo isso, dentro do meu nível de compreensão.

SER - Deixe-me entender melhor a coisa... Eles interpretam na hora ou ensaiam antes?

Dr. O - Não, eles interpretaram as estórias sem ensaio prévio. Ape-

nas leram e improvisaram, de maneira simples, cenários e roupas. A partir daí conversamos. Tenho a certeza de que as estórias calaram fundo nas pessoas, pelo retorno e pela sintonia. Fez bem para a alma. Para mim, foi fantástico. Dá um preenchimento e uma alegria interna que não se iguala a nada.

SER - Como isso reverbera no dia-a-dia do hospital?

Dr. O - Reverbera bem. Presido as reuniões do Conselho Diretor do Instituto da Criança, nas quais estão presentes 50-60 pessoas. Você pode pensar que as reuniões são uma verdadeira bagunça. Não são. Ao longo do tempo, aprendemos a ouvir um ao outro, discutimos com objetividade, sem divagações. E isso fez de nós uma equipe. Os grupos constituídos têm aprendido a discutir, aceitar diferenças e propor soluções. A maior parte das propostas tem sido acatada e implementada. As pessoas vivem os problemas do hospital e, quando motivadas, oferecem soluções criativas. A instituição vive um processo de contínua construção. Temos de estar sempre revendo coisas porque a instituição é dinâmica. O que era bom antes pode não ser agora. Por exemplo, criamos horários de trabalho variáveis: há gente que entra às 7 h, outros às 8 e ainda os

que entram às 9. Tudo isso sempre levando em consideração as necessidades do serviço e também as das pessoas. São Paulo é uma cidade complexa, de trânsito caótico. Facilitar a vida das pessoas aumenta o compromisso com a instituição.

Uma instituição precisa ter uma flexibilidade justa. Isso cria vínculos, compromissos, espírito de equipe. Há confiança mútua. As pessoas, quando tratadas com reconhecimento e respeito, não transgridem limites. Cada qual sabe seu lugar.

SER - Eu queria enfatizar essa colocação sua, porque a gente percebe que existe um medo de quem está no comando de ser confrontado, de perder o poder, de ser desrespeitado, diminuído, que é um medo do ego, que atrapalha e impede as pessoas de se comunicarem, não é?

Dr. O - Estou justamente falando disso. Não é que não haja problemas. Eles existem. As situações nem sempre são tranquilas. Mas se você acredita que há um jeito melhor para as coisas, por que não implementá-lo? Mudar uma cultura leva tempo, exige muito, mas vale a pena. As pessoas trabalham mais alegres, com mais motivação. Nossa instituição é universitária. Ali se pratica a assistência ao usuário, o ensino aos estudantes da Faculdade de Medicina da



USP e a pesquisa. É competitiva. A competitividade gera medos, temores e pode dar lugar à quebra de valores, etc. Há muita auto-importância envolvida, principalmente na área médica. Há títulos universitários conseguidos através de concursos, teses, etc. Tudo isso cria orgulhos, temores, defesas. De minha parte, sempre alguma coisa me dizia, a cada título conseguido: isso não tem importância. Não é falsa modéstia.

Hoje ocupo uma posição de destaque: sou professor titular da USP e presido o Conselho Diretor do

Instituto da Criança. Portanto, não estou dizendo que os títulos não têm importância porque não os consegui (mecanismo das uvas verdes). Não, eu os consegui. Por outro lado, é claro que nessa jornada universitária houve crescimento para mim. Também, títulos e cargos me permitem melhor servir a instituição. O que é inútil é se servir de títulos e cargos para o seu auto-engrandecimento, sua vaidade e auto-importância. Isso cria um vácuo interior.

SER - Há quanto tempo você está no Grupo Gurdjieff de São Paulo?

Dr. O - Acho que vai fazer 20 anos. Andei, anteriormente, por outros caminhos. Eu e o Junqueira compartilhamos muitas coisas. Já fui engajado em movimentos políticos de esquerda, durante a época da escola. Admirei o marxismo e o existencialismo. Eu acreditava então que, mudando fora, tudo se resolveria no mundo. Era uma visão ingênua, mas eu a endossava e me comprometi. Não fiquei na arquibancada, joguei o jogo. Equivoquei-me, mas aprendi. Compreendi a enorme distância que existe entre o ide-



Dr. Okay



ológico e o humano. Então, um belo dia, você acorda e já é outro. Começa a buscar outros caminhos. Quando se está imerso na visão antiga, você não enxerga mais nada. Quantas vezes passei pelo Grupo sem percebê-lo! Agora vejo que foi a melhor coisa que me aconteceu.

Não por acaso – é que me sintonizei de outro modo, abrindo-me. Sempre disse para mim mesmo da necessidade de ser consciente. Propus-me a não carregar fardos nas costas, mas a metabolizá-los. Do contrário, você se transforma em um indivíduo ranzinza, magoado, de mal com o mundo. Tenho tido amigos verdadeiros. Muitos despertaram a minha sensibilidade e me fizeram tomar gosto pela cultura nas suas mais diferentes manifestações. Tenho procurado sempre.

Houve uma fase na minha vida, principalmente na adolescência, na qual a questão Oriente-Occidente fez-me entrar em choque. Venho de uma tradição japonesa e, ao mesmo tempo, nasci aqui, numa cidade do interior de São Paulo. A cultura japonesa e a ocidental que eu vi-

via bateram de frente. Isso me deixava “grilado”. Não compreendia por que minha mãe andava quatro passos atrás do meu pai. Ver as famílias ocidentais se abraçarem era para mim sinônimo de afeto e bem-querer. Minha mãe me dizia que eu não me

lo, eu externei a resolução do conflito da seguinte maneira: *comer sushi e dançar xaxado ao mesmo tempo*. Está tudo resolvido.

SER - Sabemos que você escreve poesias e *Hai-Kai*. Pode falar algo a respeito e mostrar-nos algum de seus trabalhos?

Dr. O - Sempre me agradou a literatura de cordel e, ao mesmo tempo, o *Hai-Kai* japonês. Aquela é descritiva; este é conciso e vai no ponto.

HAI KAI

O medo disfarçado
Faz com que o coração
Traduza errado.

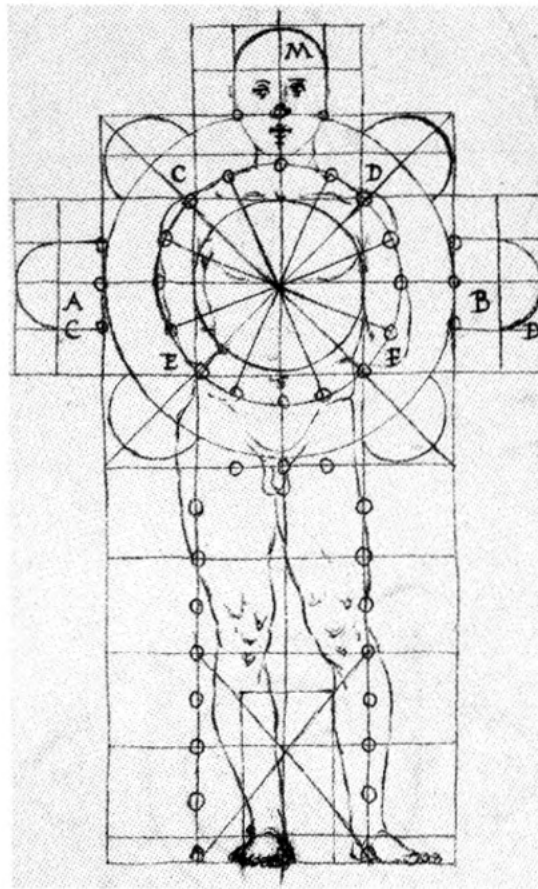
Arrependimento?
Só do que não percebi
Neste momento.

Silêncio no meu ser...
Esvai-se o tempo.
É o agora, posso ver.

Pingo d'água que cai...
O instante suspenso
Dura e não se esvai.

O contínuo presente
É tudo o que existe.
Você não presente?

SER - Voltando um pouco ao hospital, como se desenvolve seu trabalho com as crianças, os seus pacientes e a família deles? O que você tem introduzido lá que não está por aí?



Plano de uma catedral segundo as proporções da divina forma humana (Agrippa Von Nettesheim, De occulta philosophia)

preocupasse com isso, pois eles se davam muito bem. Com o tempo, você compreende e os dois lados se harmonizam. Certa feita, conversando com o Pau-



Dr. O - A gestão participativa é o instrumento que permite que trabalhemos em equipe. Temos muitos projetos de humanização hospitalar, que são conduzidos por diferentes equipes, voltados para a criança doente e hospitalizada, para os pais, para os funcionários e para a comunidade. Todos em funcionamento. Temos contadores de histórias que passam valores e princípios para as crianças; temos a biblioteca, com livros selecionados, de contos infantis, à disposição das crianças; temos o projeto de arte no hospital, para que elas se manifestem pelo desenho ou pela pintura. Aqui um parêntese: é incrível você acompanhar a melhora de uma criança por meio de sua expressão em desenhos sequenciais. Temos reuniões com as crianças e seus pais para explicar a eles determinados procedimentos a que as crianças serão submetidas; temos os Doutores da Alegria – são *clowns* com formação teatral que visitam as crianças. É incrível a interação com elas. Eles despertam nas crianças o melhor delas, aquilo que a doença e o sofrimento encobriu. Basta olhar para os seus olhos para sentir esse despertar. A atitude dos Doutores da Alegria contamina os outros profissionais, inclusive os próprios médicos. Uma instituição universitária

hospitalar enfatiza demasiadamente a competência técnico-científica. Isso cria no hospital um ambiente frio, sem calor humano. Penso que estamos rever-

presentes no nosso Conselho Diretor. Temos um trabalho com adolescentes voluntários, que se propõem a acompanhar as crianças, contando histórias.



Alquimia e a medicina clássica (J. D. Mylius, Opus Medico-chymicum, 1618)

tendo esse processo. Existe a Ouvidoria para registrar queixas dos pais. Existe um Comitê Comunitário representado por diferentes associações, que se fazem

Enfim, esses são apenas alguns dos projetos em funcionamento. Recentemente, com a colaboração de todo o pessoal institucional e o Corpo de Bombeiros, realiza-



mos uma simulação de incêndio. É preciso que o hospital e todo o pessoal esteja preparado para essas situações de emergência.

SER - Quantas crianças tem o hospital hoje?

Dr. O - Temos capacidade para internar 150 crianças, mas atendemos cinco a seis mil no ambulatório por mês e mais um tanto no Pronto Socorro. É bastante, é muito trabalho!

SER - Quantos funcionários tem hoje o hospital?

Dr. O - Temos uns 700, divididos em três turnos. Sentimos não poder ter contato com todos, principalmente com o pessoal do período noturno.

SER - É incrível como o pessoal que lida com a questão da saúde e da morte não percebe a impermanência de todas as coisas.

Dr. O - Nós, médicos, fomos formados para curar. A morte tem sido interpretada pela medicina como um fracasso. É preciso rever isso. Vida e morte são apenas os dois lados da mesma moeda.

Há um Hai-kai incrível que fala exatamente sobre a impermanência. Em japonês é assim:

Tiru sakurá
Nokoro sakurá mo,
Tiru sakurá

Traduzindo, é uma coisa mais ou menos assim:

A flor da laranjeira que cai
A flor da laranjeira que fica,
Também é a flor da laranjeira que cai.

A força que isso tem no japonês é muito grande. Vou citar um episódio fantástico. Uma vez, uma amiga da faculdade e eu estávamos visitando o cemitério que fica na Dr. Arnaldo com a Cardeal. Isso aconteceu há mais de 30 anos e ficou na minha cabeça. Havia uma lápide que dizia: “Eis aí a fogueira, fica deixada para cão que guarda esta noite”. Era um negócio tão enigmático que fiquei pensando sobre isso. Um dia, há uns 10 anos, estava conversando com um amigo japonês cujo tio faz Hai-Kai em japonês e eu falei sobre aquele escrito da lápide e ele recitou aquilo em japonês, conhecia aquilo. Perguntei como ele sabia e ele me contou a seguinte história: na época da guerra, não se podia fazer inscrições em japonês. Então, os amigos dessa pessoa falecida tiveram de traduzir para o português aqueles dizeres.

Na vida, as coisas tão separadas pelo tempo vão-se encaixando. A vida é realmente um grande tecido.

SER - Como você encontra tempo para fazer as práticas meditativas do nosso

Grupo? Muitas vezes ouvimos de companheiros, principalmente os mais novos, que não têm tempo, que são muito ocupados, que esqueceram. Como é isso na sua vida?

Dr. O - O que aprendi foi o seguinte: quanto mais coisas você tem para fazer, mais você tem tempo. Quando eu não tinha muito que fazer, também não tinha tempo para nada. É por preguiça que não temos tempo. Não sei se é pelo fato de ficarmos mais velhos e amadurecidos que alguma coisa dentro de você diz isso. Quando jovens, achamos que temos tempo para tudo. Mas a gente não tem tempo. Temos de aproveitar para fazer aquilo que precisamos fazer, a gente não pode esperar. Não sou compulsivo, mas cada vez percebo melhor o quanto podemos fazer. Por exemplo: pratico muito sem estar sentado. Estou andando na rua, pratico o andar do leão; estou em reunião, abro o cinto, participo da reunião concentrado no ventre; estou escrevendo e estou-me vendo, vou praticando dessa forma. Em casa, pratico pela manhã. Saio de casa às 7h30min e acor-do às 6h45min; pratico das 7h às 7h30min e saio. Falho? Sim, falho; não é todo dia que faço essa prática. Misturo a prática em casa com as coisas na vida. Por exemplo, dou aula com a



atenção dividida; dou aula olhando a platéia e me olhando ao mesmo tempo; o vedor vê lá e vê aqui. Isso acalma a emoção e ela não sobe. É claro que isso vai da prática também, mas quando vou falar para um grande público, por exemplo, é quase natural que a emoção suba. Mas se você está centrado em você e no público, a prática é perfeitamente factível. Uma vez me perguntei: será que o Lauro, quando conta as estórias, está o tempo todo centrado? Será que ele consegue estar emitindo, falando e estar centrado ao mesmo tempo? Acho que é isso aí.

SER - Gostaria de saber, nesse seu trabalho com as histórias em quadrinhos ou com outros materiais que você colheu no Grupo, se alguma vez alguém quis saber a origem disso tudo ou quis entrar em contato com o Grupo?

Dr. O - Sim, várias pessoas. É interessante que lá existem muitas pessoas que não têm contato com o Grupo, mas lêem coisas e praticam isso ou aquilo, principalmente as pessoas de nível médio ou universitário. Falo abertamente que freqüento um Grupo há tanto tempo. Eles perguntam. Já levei várias pessoas do hospital e uma continua lá. Mas não falo sobre o trabalho do Grupo, a não ser quando isso se aplica a um trabalho específico.

No bate-papo comum, não falo sobre essas coisas.

SER - Fiquei encantada ao ouvi-lo falar sobre o que você vem fazendo no hospital, porque senti que você coloca o tempo todo em seu trabalho profissional duas qualidades do divino: sentimento e inteligência. Em sua atuação na área médica, traz colegas e funcionários para um contato com o sentimento e organiza tudo com inteligência, enfim, com qualidade, gerindo a organização que está sob seu comando de forma mais livre, tentando levar em conta as necessidades práticas das pessoas que trabalham ali, usando a inteligência e o sentimento humanitário como lei, em vez de basear-se em normas rígidas preestabelecidas. Nos termos do trabalho gurdjieffiano, diríamos que isso é incrível porque toda a sua descrição fala de um trabalho que usa todos os centros visando a um único fim. Há uma mente que vê com clareza, um en-

tusiasmo que vem do coração, do peito e que leva a uma ação justa, ou seja, todos trabalhando disciplinadamente em torno de um objetivo comum.

Dr. O - Vejo que o que mata as pessoas é, na verdade, a busca do poder. Isso as torna pequenas e elas não conseguem enxergar isso. Perdem a liberdade de voar para outros horizontes. Uma pessoa que eu conheço tem o hábito de controlar tudo, e isso se refletiu em seu corpo. Ficou todo durinho, empedrou. Até a respiração foi afetada. Ele respira muito entrecortadamente. Eu disse então para ele: "não sinta isso como uma agressão, mas tem algo lhe fazendo mal, você precisa ver que sua respiração está afetada e isso pode matá-lo". É o que se costuma falar: "A biografia do indivíduo se reflete na sua biologia".



O ZEN E A ARTE DO MANEJO DA ESPADA

ANTIGO POEMA DE AMOR

(citado por Takuan)

Pensar que não vou mais
Pensar¹ em você,
Ainda é pensar em você.
Deixe-me então tentar não pensar
Que não vou pensar em você.

¹ “Pensar” é omou em japonês, que significa não apenas “pensar” mas “relembrar”, “desejar ardentemente”, “amar”, etc. Tem uma conotação afetiva e intelectual ao mesmo tempo. A palavra é um termo genérico usado para designar tudo o que se passa na mente. Já “não pensar” (omowanu) significa deixar a mente completamente vazia de todo conteúdo – um estado de esvaziamento designado pelas palavras mushin ou munen.

ANTIGO POEMA JAPONÊS

(citado por Yagyu)

Kokoro koso
Kokoro mayowasu
Kokoro nare;
Kokoro ni,
Kokoro,
Kokoro yurusu na.

É a mente que engana a Mente,
Pois não existe outra mente.
Ó Mente, não te deixes
Ser seduzida pela mente.

POEMA ZEN

(autor desconhecido)

Em uma alma completamente livre
de pensamentos e emoções,
Nem mesmo o tigre encontra lugar para inserir
suas presas afiadas.

Uma mesma brisa sopra
Sobre os pinheiros da montanha e os carvalhos
do vale;

Por que, então, produzem sons diferentes?

Alguns pensam que golpear é golpear:
Mas golpear não é golpear, nem matar é matar.
O que golpeia e o que é golpeado –
Ambos não passam de um sonho fora
da realidade.

Nenhum pensamento, nenhuma reflexão –
Perfeita vacuidade:

No entanto, algo se move aí,
Seguindo seu próprio curso.

Os olhos a vêem,
Mas não há mãos que possam pegá-la –
A lua sobre o riacho:
É esse o segredo da minha escola.

Nuvens e neblina –
São transformações atmosféricas:
Sobre elas, sol e lua estão eternamente a brilhar.

A vitória, mesmo antes do combate,
É conquistada por aquele
Que não pensa em si mesmo,
Permanecendo na não-mente do Grande Princípio.



Versos coletados do livro traduzido como

A ARTE DO MANEJO DA ESPADA

de Bujutsu Sosho (Tóquio, 1925)

Se os teus ouvidos vêem,
E os teus olhos ouvem,
Sem dúvida irás apreciar –
Quão natural é o gotejar da chuva
Caindo do beiral!

A primavera chegou, sopra uma brisa suave,
Pessegueiros e damasqueiros estão em flor.
O orvalho é abundante nas noites de outono,
E tombam as folhas da paulóvnia.

As flores, as folhas do bordo no outono,
E a neve invernal cobrindo os campos de branco –
Quão belas são, cada qual a seu modo!
Temo que meus apegos ainda não ultrapassem
O mundo sensório (pois agora eu sei o que é a Realidade).

Dentro da cerca sagrada sobre a qual me debruço,
Deve haver uma lagoa plena d'água cristalina;
Conforme minha mente lunar torna-se luminosa,
Vislumbro sua sombra a refletir-se n'água.

Sempre que a mente estiver colada¹ em alguma coisa,
Trata de desapegar-te disso com celeridade,
Pois, se te demoras por certo tempo,
Ela retornará à sua antiga morada².

Abandona todas as artes
Que tens aprendido
Sobre o manejo da espada
E, num só trago, bebe
Toda a água do rio ocidental.

Sempre achei
Estar aprendendo como vencer;
Mas hoje me dou conta
De que vencer é nada mais,
Nada menos, que perder.

No poço não cavado,
Nas águas que não o preencheram,
Uma sombra se reflete;
E um homem, sem forma nem sombra,
Tira água do poço.

Um homem sem forma nem sombra,
Enquanto tritura o arroz³,
Transforma-se no triturador.

¹ Isto é, "parada".

² Ou seja, ao nosso velho ego.

³ Hui-nêng (Eno), o sexto patriarca Zen da China, é lembrado como alguém que se ocupou de trabalhos manuais como esse (de triturar arroz) quando estava sendo instruído por seu mestre Hung-jên (Gunin).



Budo Shoshin Shu de
Daidoji Yuzan, 1639-1730



SAUDAÇÃO AO SOL (Surya Namaskar)

Martha Machado D'Andrea

Na mitologia indiana, Surya é o deus do Sol, filho de Aditi, a Senhora do Espaço, mãe de todos os deuses. Como gerador de *prana* (bioenergia), é o Princípio Vital, a Energia Cósmica, símbolo da saúde e da luz.

O Surya Namaskar, também conhecido como Surya Namaskarásana, é uma prática antiga da Índia e, tradicionalmente, é executado antes do nascer do sol.

É composto de doze exercícios psicofísicos simples, mas muito eficientes. Sem nenhuma contra-indicação física ou energética, qualquer um pode praticar o Surya Namaskar. É, muitas vezes, a abertura de aula de vários tipos de Yoga. Praticado diariamente, independentemente do horário, o Surya Namaskar proporciona grande flexibilidade da coluna vertebral e articulações, assim como uma excelente disposição mental.

MAHA SURYA MANTRAM

“Om, eu sempre venero o Sol, o Magnânimo Senhor do mundo, o Imortal, a Quintessência dos Vedas, o Auspicioso, o Senhor do Absoluto Conhecimento na forma de Brahman, o Senhor de todos os deuses, a Suprema Consciência Divina, o Senhor de Indra, de todos os deuses do Homem, as várias formas de Brahman, Vishnu e Shiva em toda a sua Luz magnificente.”

1. OM MITRAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele que é causa das mudanças.

2. OM RAVAYE NAMAH

Eu saúdo Aquele que é afetuoso com todos.

3. OM SURYAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele que espalha a Luz.

4. OM BHAVANE NAMAH

Eu saúdo Aquele que induz a atividade.

5. OM KHAGAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele que nutre todos os seres.

6. OM PUSHNE NAMAH

Eu saúdo Aquele que se movimenta nos céus.

7. OM HIRANYAGARBHAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele que possui mil raios.

8. OM MARICHAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele que dá a vida a todas as coisas.

9. OM ADIYAYA NAMAH

Eu saúdo Aquele é filho de Aditi Devi.

10. OM SAVITRE NAMAH

Eu saúdo Aquele que produz todas as coisas.

11. OM ARKAYA NAMAH

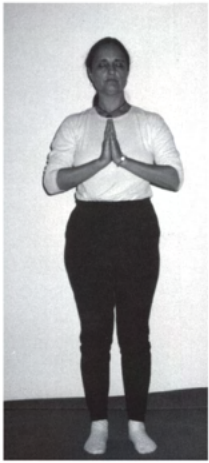
Eu saúdo Aquele que é digno de ser adorado.

12. OM BHASKARYA NAMAH

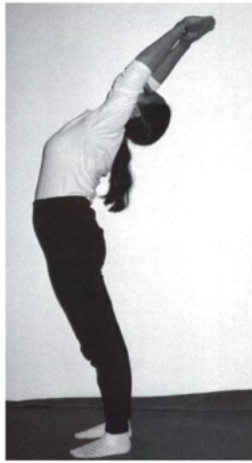
Eu saúdo Aquele que é a origem da iluminação.

Página ao lado: Martha, instrutora de Yoga, apresenta as posturas da Saudação ao Sol (fotos de George Elman).





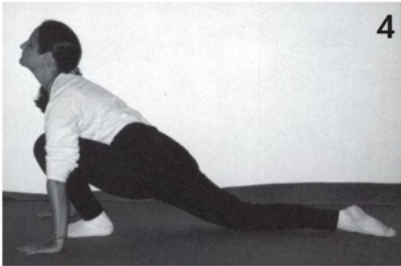
1



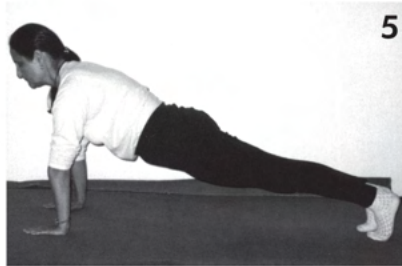
2



3



4



5



6



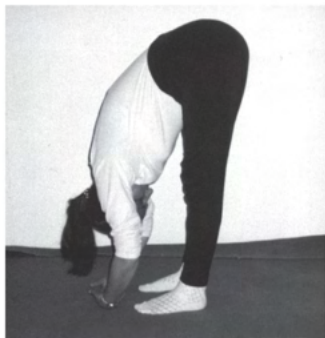
7



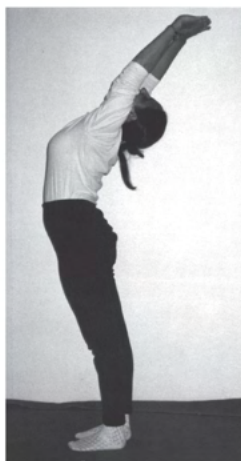
8



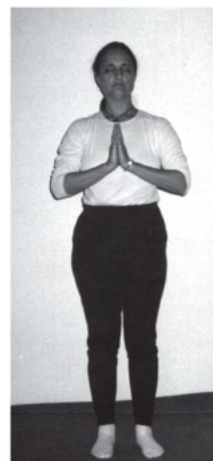
9



10



11



12



A ARTE DE VER ALÉM DA FORMA

Entrevista com Dr. Antonio Luiz Junqueira de Almeida

SER - Junqueirinha, conte um pouco de sua história exterior, onde nasceu, família, infância, adolescência etc.

Dr. J - Olha, Carmem, aí não tem nada de especial. Eu nasci aqui mesmo em São Paulo, e tive uma infância e adolescência como qualquer outro garoto de classe média, nascido aí pelos fins dos anos 40. Era uma outra cidade, uma outra circunstância, mas nada de especial.

SER - Nessa época, nessa fase da sua vida, você teve alguma experiência que possa chamar de espiritual?

Dr. J - Com certeza. Se eu me volto para esse tempo, lembro-me de momentos em que a gente percebe que esse mundo não é feito só de aparências, que por trás do mundo da forma há um outro mundo, uma outra realidade, que aparece e logo depois escapa, com uma velocidade muito grande. Mas deixa uma marca funda no ser. Eu me lembro de vários momentos assim. De alguns, até com detalhes. De outros, só ficou a impressão fugaz de outra realidade.

Revido esse tempo, vejo que, no fundo, foram essas impressões

que me levaram a escolher a Medicina como profissão.

Eu tive a sorte de conviver com algumas pessoas que me ensinaram um pouco a pensar, a ler Filosofia, autores clássicos. Eu tinha um desejo muito grande de estudar Filosofia. Mas sentia, ao mesmo tempo, em contato com essas pessoas, que faltava alguma coisa. Era uma coisa um pouco seca. Eu nem pensava em Medicina, mesmo tendo-a muito próxima porque meu pai é médico; a Medicina não me atraía.

Então aconteceu uma experiência que me tocou fundo. Um amigo meu, um grande amigo, de convivência diária, foi para o hospital em coma, depois de tentar o suicídio. Eu fui junto e passei algumas noites ali com ele. Nós tínhamos 17 anos. E alguma coisa me atraiu muito dentro daquele hospital, naquele silêncio, vendo os médicos passando de um lado para o outro, aquele mundo que eu não conhecia. É engraçado que ali, naquela situação tão dramática, tive uma sensação de contato direto com a realidade, que me atraiu muito mais do que me debruçar sobre um texto teórico e ficar tentando entender o

que o camarada tinha pensado ou não. Foi ali que decidi estudar para ser médico. Senti que um hospital pode te dar a oportunidade de lidar com as questões fundamentais da vida, na prática.

SER - Qual foi a especialidade que você escolheu na Medicina?

Dr. J - Isso aí foi curioso, foi fruto de uma experiência também. Um dia, numa aula, um professor mostrou como funcionava uma diálise, procedimento que estava começando a aparecer naquele tempo. E eu simplesmente gostei daquilo! Vi um paciente em estado de coma (lembro-me até hoje de seu rosto), e o professor explicando: vou fazer tal e tal coisa. No dia seguinte, quando voltei, o paciente estava acordado, conversando normalmente! Parecia um milagre! E eu acabei especializando-me em Nefrologia, depois de uma formação clínica.

À medida que prosseguia minha formação como especialista, fui também percebendo algo mais profundo por trás da atividade médica, que é o próprio fenômeno vital, a vida em si. Durante uns 10 anos, eu praticamente não fiz Medicina prática, fiz investigação



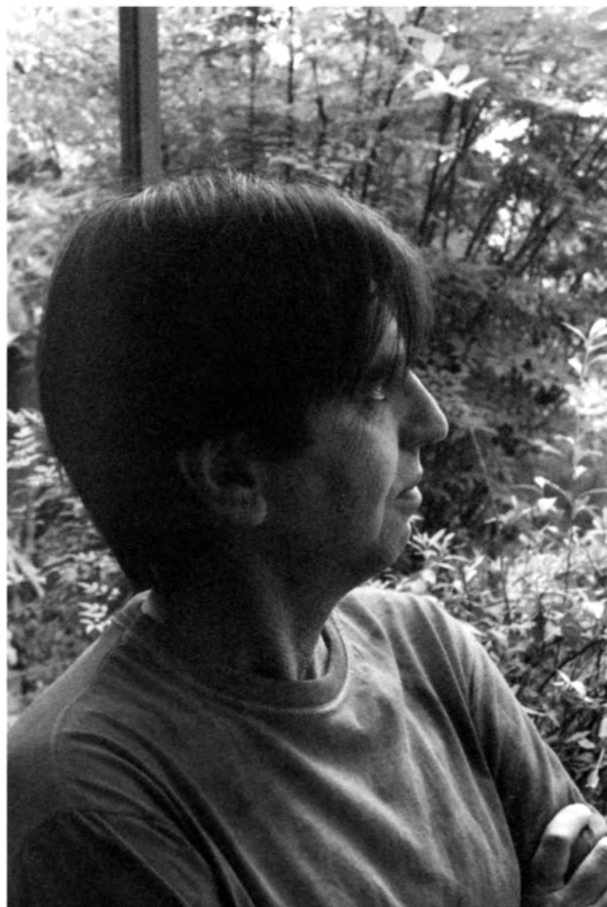
básica, teórica, no laboratório. Eu tinha uma prática médica para sobreviver, em pronto-socorro, em UTI, mas a minha atividade principal era pesquisar dentro do laboratório, o que me levou depois a ir para fora, para continuar esse estudo nos Estados Unidos.

Quando você percebe a sutileza que há no fenômeno vital, nos processos que o mantêm, você entra em contato com uma beleza muito grande, um poder muito grande, uma sabedoria infinita!

SER - O Junquerinha buscador começou aí?

Dr. J - De certa maneira, sim. Quando eu me convenci de que devia-me transferir para um laboratório de ponta, no Exterior, onde teria muito mais recursos para continuar o que estava fazendo aqui, coloquei-me essa meta, e trabalhei muito nesse sentido: fiz uma tese, consegui uma bolsa etc. Foi realmente um super esforço! Acabei indo parar em um conjunto de laboratórios de Washington, que é o maior centro de pesquisas médicas e biológicas do mundo, uma verdadeira cidade com uns 50

edifícios, onde se trabalha com tudo o que diz respeito à Biologia. Foi lá que eu comecei a me fazer perguntas, talvez por estar horas a fio sozinho diante de um microscópio, ou por estar em um momento difícil do ponto de vista pessoal. Eram perguntas para as



Dr. Junqueira

quais eu não tinha resposta. Mas elas não tinham nada a ver com o que eu estava estudando. Tinham a ver comigo!

Voltei para cá depois de dois anos. Do ponto de vista científico, a esta-

da nos EUA foi um sucesso. Trabalhei em um projeto difícil, conseguindo dados originais e pioneiros dentro da área que eu estava pesquisando. Mas aquelas perguntas sem resposta se ramificavam e fui percebendo que, se não encontrasse resposta para elas, tudo ficava sem sentido, a começar pela própria ciência.

De fato, durante um ano e meio, não produzi absolutamente nada. Dava minhas aulas, participava de reuniões, comparecia a algum congresso, mas tudo aquilo não tinha mais coerência. Só conseguia ver pessoas cheias de si, competindo por um lugar ao sol! Era como se eu tivesse voltado a objetiva do meu microscópio para dentro de mim. E lá dentro eu percebia os mesmos impulsos que moviam as pessoas à minha volta!

Via-me, mais e mais, em uma situação sem saída.

Até que uma noite, na casa de uma amiga, eu conversava apoiado a uma estante. De repente, minha mão apanhou um livro. Estranhei o gesto. E estranhei mais ainda quando me ouvi perguntar, sem nem mesmo olhar





*A medicina universal surge como regente dos três reinos: vegetal, animal e mineral
 (J. de Monte-Snyders, Metamorphosis Planetarum, 1663)*

para a capa: “Este livro é bom?”
 E minha amiga simplesmente res-
 pondeu: “Lê!”. Só então olhei o

título: *The Psychology of Man's
 Possible Evolution*, de P. D.
 Ouspensky.

Comecei a ler o livro e fiquei de tal maneira fascinado que só parei na última página. Ali estavam as respostas. Sobretudo, era uma outra maneira de pensar, de encarar o fenômeno humano. Liguei para a minha amiga: “Tem mais?” Tinha: *A New Model of the Universe*. Bebi de um trago! Então cheguei a uma conclusão ruim. Tinha de achar alguém que ensinasse, ter contato com a cadeia de transmissão, ou ficaria tudo em um campo estéril. Mas aquelas idéias tinham-me tocado tão fundo, que lá de dentro brotou uma confiança que eu não conhecia. Se o livro atraiu minha mão, é porque há alguma trilha invisível, uma força de atração. Passados uns quinze dias, encontro minha amiga na rua. E não é que ela tinha conhecido alguém do Grupo, em uma conversa aparentemente casual! A essa altura, os livros do Ouspensky já circulavam por muitas mãos e um bando “invadiu” o Grupo. A maioria está lá até hoje.

SER - Como e em que medida o Junqueira buscador tem influenciado o Junqueira médico?

Dr. J - Bom, posso dizer com muita convicção que é uma coisa só. Eu me sinto premiado, é curioso. Reencontrei-me com aquele garoto que escolheu a Medicina para entender melhor a vida. Meu campo de busca inte-



rior é a Medicina, como para um outro pode ser a Arte.

Encarar a perspectiva da morte abre todo um campo de trabalho para o buscador. Não é fácil, mas é extremamente rico em experiência interior.

Tenho lidado muito com pacientes graves, muitas vezes terminais. Pode parecer um pouco estranho, mas essa fronteira com o desconhecido é um cenário fantástico se você aceita o desafio de tentar vivê-lo de coração aberto.

É um território em que não há meio-termo possível. Ou você banaliza a morte e o sofrimento humano, comportando-se como um mercador da saúde, frio e distante, ou você abraça a situação. É um corpo-a-corpo. Você não se protege, entra e fala a verdade, encara as pessoas de frente. Você tem de escutar muito, tem de achar a palavra certa, a atitude corporal justa. E, principalmente, ter afeto! O afeto é a sua arma! Mas você recebe muito de volta.

SER - Você consegue dar uma esperança para as pessoas, ajudá-las a morrer?

DR. J - Com o paciente mesmo, aquele ser humano que está diante da morte, é mais difícil: ou ele está preparado para morrer, ou não. Então, ou ele se apega a alguma esperança, ou se revolta, entra

em desespero, ou não sente nada, o que é pior ainda, pois morre sem perceber que está morrendo!

Mas para as pessoas que estão em volta, que formam, por assim dizer, o tecido social do seu paciente, e com as quais você pode interagir de forma menos traumática, cria-se um campo de relacionamento extremamente rico. É aí que você pode agir. A morte de um ser próximo, querido, sempre deixa uma marca muito profunda. Agir, numa circunstância dessas, significa para mim reconhecer o momento de não atrapalhar a passagem, de não colocar o aparato médico entre aquele que está morrendo e os que o cercam, dando a eles a oportunidade de vivenciar esse momento tão misterioso com a plenitude possível a cada um. Essa atitude permite ao médico se incluir nesse círculo e, com certeza, vai ajudar quem está morrendo. Eu sinto isso. Não sou eu que deixo a marca, eu simplesmente tento não atrapalhar a passagem.

SER - Junqueira, você tem tido a oportunidade de passar alguma coisa de seu conhecimento do trabalho interior para seus colegas médicos? Se sim, como tem sido essa experiência?

DR. J - Com um médico, um colega, alguém que está do seu lado nesse campo de trabalho tão angustiante que é um hospital, é

bem difícil, porque o médico vem-se defendendo do embate diário entre a vida e a morte desde o primeiro dia da faculdade. Ele tem uma estrutura organizada para conviver com isso. Eu nunca tive a intenção de passar nada explicitamente.

Mas um hospital não deixa de ser um campo de observação muito interessante. Você vê claramente o mal que fazem ao próprio médico essas estruturas de defesa. A formação médica está centrada no aspecto técnico da profissão. Você aprende a lidar com um corpo. Mas vida é outra coisa!

No dia-a-dia, o que pode eventualmente passar é um exemplo de atuação. De repente, alguém do seu lado pode perceber que não precisa proteger-se tanto do contato direto com a essência de outro ser humano! É curioso observar que a queixa mais comum que eu escuto dos meus pacientes, em relação aos médicos em geral, é justamente a frieza no trato.

SER - Como você define saúde e doença?

DR. J - Evidentemente, eu não tenho uma resposta. No entanto, essa pergunta é fundamental. É curioso observar que a Medicina não se preocupa muito com isso. Você pega a última edição do melhor livro de Medicina interna e não acha uma definição para saúde!



Oficialmente, saúde é definida vagamente como um estado de bem-estar físico e psíquico. E parte-se logo para a fisiologia! Tem-se então a “saúde do sistema nervoso” ou a “saúde do aparelho circulatório”. Mas para saber o que é saúde, é necessário primeiro saber o que é ser humano...

A Medicina moderna tende cada vez mais a se tornar a medicina do núcleo da célula, a medicina do DNA, pois é lá que começam os desequilíbrios que podem de alguma forma ser quantificados. Então, para a Medicina moderna, saúde passa a ser um estado de bom funcionamento do núcleo celular nos diferentes tecidos do organismo. Exige-se hoje de um bom médico um sólido conhecimento dos processos bioquímicos que regulam os órgãos com os quais ele lida. Mas não se exige qualidade de ser.

Com isso, a Medicina agregou um imenso acervo de conhecimento fisiológico. As doenças são analisadas e tratadas a partir do nível molecular, muitas vezes com resultados espetaculares, do ponto de vista individual.

Mas, como um todo, a Medicina perdeu o caráter sagrado.

O médico deixou de ser o xamã para se tornar um técnico sofisticado.

SER- O que você está falando me faz perceber algo que eu ainda não tinha visto. As culturas ditas primitivas consideram o médico um feiticeiro. Então ele pratica uma “cura mágica”.

No mundo ocidental, em nossa cultura, com sua evolução técnica absolutamente incrível, o médico é visto pelo paciente como um deus, que tem o poder de cura; no fim, é a mesma coisa com uma roupagem diferente. Ele é o mágico, o feiticeiro, o curandeiro; nós não o chamamos assim, mas ele é um deus para nós.

Dr. J - É assim mesmo, Carminha. Você está jogando luz sobre o que a gente estava conversando!

A expectativa da pessoa que está doente é de que apareça um xamã. Ela, no fundo, quer alguém que tenha grandeza de ser, que possua dentro de si a capacidade de lhe devolver a saúde. Ela quer um milagre!

Aí chega um técnico. Às vezes de formação excelente, mas um técnico. Ele vê o paciente por seu viés: há um aspecto científico, há um aspecto comercial. E ele muitas vezes até cura, graças a Deus!

Mas a nostalgia do xamã, a nostalgia do santo, persiste lá no fundo de quem sentiu a sombra da morte turvar-lhe os olhos! E o técnico não pode dar o que não tem.

Então a Medicina moderna se meteu em uma crise profunda, uma crise de identidade, como está na moda dizer.

SER- Eu acho que o médico que tem uma busca interior dispõe de uma possibilidade inédita e incrível, porque você está trabalhando com o corpo humano e, ao mesmo tempo, sabe muito do que anima esse corpo, você tem um trabalho direto sobre a vida que anima o corpo. Então é maravilhoso, porque você não fica só na matéria, mas vai além e, quando você vai além da matéria, suas possibilidades como buscador e como médico cientista crescem muito, e para o paciente é uma grande oportunidade ser visto além do corpo; quase que você vê a alma dele.

Dr. J - Essa visão revolucionária de que vida é emoção, de que a emoção é o tecido fundamental da manifestação vital no Universo, abre um caminho completamente novo para se compreender o papel da Medicina como ciência na atividade humana. Tudo o que a ciência médica conquistou a duras penas em termos de conhecimento ganha uma perspectiva maior. Forma-se uma ponte entre o conhecimento tradicional que nós, buscadores, tanto amamos e a revolução causada pela biologia molecular no entendimento dos processos fisiológicos. É um momento extremamente interessante: duas visões revolucionárias que convergem, duas



formas de conhecimento que se completam, em um momento em que a ciência como um todo e especialmente a ciência médica, se não forem iluminadas por um conhecimento maior, acabarão, no fim das contas, voltando-se contra o próprio homem, tornando-se limitadoras e opressivas.

SER - Se a gente vê hoje a quantidade de livros que o Chopra, por exemplo, vende, a gente percebe que esse é o tema do momento, é a hora de se tratar dele. Acho uma loucura o que ele vende e a influência que está tendo...

Dr. J - Eu não sei quanto isso tem de busca e quanto de comércio. Mas com certeza aponta na direção do que a gente estava abordando, mostra que há um campo enorme a ser explorado.

SER - De repente, médicos como você e outros que estiverem nessa sintonia, por que não começar a tratar disso?...

Dr. J - Tenho certeza de que isso vai ser uma consequência natural do trabalho do Grupo aqui de São Paulo. Muitos companheiros nossos praticam a Medicina como profissão. Quando o médico tem presença, o ato médico se trans-

muta. A Medicina retoma o caráter sagrado que lhe deu origem e se torna um caminho pessoal de crescimento interior muito poderoso e eficiente. Quando um

cria-se um campo de troca que permite o contato entre duas essências, um campo mágico.

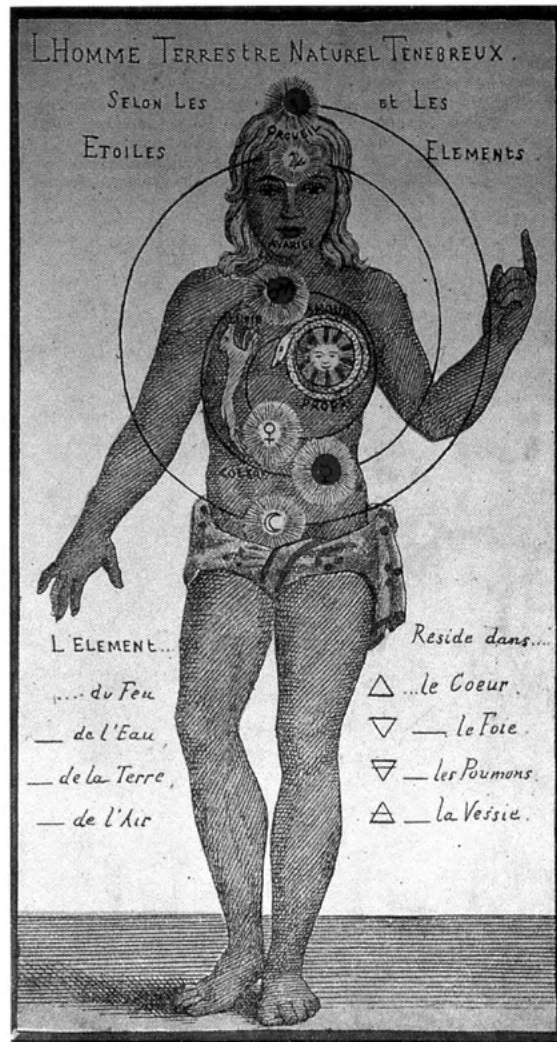
SER - Junqueira, em sua vasta experiência como médico, você já assistiu a algo que considerasse realmente um milagre? O que é um milagre na Medicina?

Dr. J - Não, um milagre não. Milagre seria você presenciar um fenômeno que evolui de forma contrária às leis naturais que o regem. E isso em Medicina é complicado, porque nós não conhecemos todas as leis que regem um fenômeno biológico.

Mas é uma pergunta provocante, porque, no fundo de cada pessoa, existe o pressentimento do milagroso, que, muitas vezes, só aflora em condições extremas.

Tenho percebido com alegria que a perspectiva da morte pode dar às pessoas a oportunidade de entrar em contato com esse pressentimento. Para aquele que vai, é impossível

saber o que significou. Mas para os que ficam, o pressentimento pode representar uma mudança radical de rumo, pois, afinal o milagroso está aqui e agora...



A roda dos planetas marca o corpo com sete selos. (G. Gichtel, Theosophia practica, 1898)

ser humano está privado de sua saúde plena, ele muitas vezes se despe um pouco de sua auto-importância. Se o médico, com paciência, aprende a fazer o mesmo,



DO CAOS AO CAMINHO DA LUZ

Fernanda Azzi

Em 1986, eu tinha 49 anos e andava mal em muitos aspectos de minha vida. Sentia um constante mal-estar devido ao excesso de álcool, medicamentos, regime e poucas horas de sono. Agitada, procurava me livrar da ansiedade, do medo e da angústia através de uma atividade frenética. Era uma pessoa contraída, encolhida, ombros curvados, sempre de cabeça baixa. Meu mundo era em branco e preto, sombrio, e a vida, um fardo. Não tinha senso de humor, era triste e ressentida e sorria pouco. Alternava crises de depressão e apatia com euforia e cólera. Controlada por emoções negativas e mergulhada em autocompaixão, tinha a cabeça cheia e o corpo crispado. Era sufocada por expectativas e apreensões.

Minha vida familiar e amorosa era um caos. A amorosa era uma mistura de sexo, paixão, dor, angústia e obsessão. Quanto aos filhos, um eu perdera aos 25 anos, com dois meses de idade, vítima de malformação devido à talidomida que eu ingerira durante a gravidez. Os outros dois eram abandonados e carentes.

Profissionalmente também ia mal. Acabara de me desfazer de uma escola especializada em crianças com disfunção cerebral mínima e

perder outra para uma sócia que cuidava da parte administrativa.

Era esse o quadro de minha vida quando tive o diagnóstico de câncer de mama, com a indicação de mastectomia bilateral. Alguns dias antes, o tumor fora erroneamente diagnosticado como benigno, o que me fez sentir um imenso alívio, pois eu sofrera à espera desse diagnóstico. Quando o recebi, porém, lembro-me de haver intuído: “Não vai ser suficiente para mudar minha vida; vou voltar a cometer os mesmos erros e a fazer as mesmas coisas do mesmo jeito”. Porém, o tumor não era benigno. Recebi a notícia por telefone. O que ficou nítido na minha memória é que em seguida estava observando e arrumando, como de hábito, as franjas de um tapete. No ato, fiquei chocada com o gesto e pensei: “Meu Deus, sou um robô. Acabo de receber uma notícia que pode significar a minha morte e continuo a repetir os mesmos gestos, como um zumbi”. Senti um baque. Foi o choque que me tirou do torpor crônico em que eu vivia.

Tenho lembranças muito tristes desse período. Após a cirurgia, ao ler o resultado do exame anatomopatológico, vi meus seios serem des-

critos como *peças*. Que em breve iriam se “dessolidificar”. Pensei: sou reduzida a isso? A reação de minha família também foi desoladora. Quando contei a meu filho que não me sentia bem, sua resposta foi: “Esse é um problema seu e de seu oncologista”. Pedi a minha filha que me acompanhasse ao médico e ela me perguntou: “Preciso mesmo ir?”. Essas frases deram-me a medida do que eu tinha dado a eles. E isso foi muito doloroso, pois percebi o quanto era merecido.

Passado o choque, algumas coisas foram ficando claras e eu formulei um pedido a Deus: queria um tempo, uma oportunidade para me preparar para a morte. Queria saber quem era, de onde vinha e para onde ia. Precisava resgatar minhas relações familiares, tão desgastadas e problemáticas. E também encerrar a relação amorosa, já irreversivelmente deteriorada.

Comecei assumindo a responsabilidade da escolha cuidadosa de um médico em quem confiei e a quem deleguei a orientação do tratamento que, aliás, segui criteriosamente. Ao mesmo tempo, ampliei o conceito de tratamento e preoquei-me com minha cura interior. Já escolhera a Psicologia como pro-



fissão e passara por terapias de diferentes linhas, porém nesse momento optei por um terapeuta que participava do grupo Gurdjieff. Dentro de pouco tempo, ele me convidou para juntar-me ao grupo, com o intuito de buscar respostas mais satisfatórias a alguns de meus questionamentos e de aprender a entrar em contato com meu mundo interior.

Logo de início, percebi que a linguagem utilizada não me era usual, mas que me daria acesso a um plano inexplorado. Até então, meu universo era muito subjetivo e todas as coisas, dúbias e confusas. Foi difícil começar a ver a realidade com objetividade.

Aos poucos, fui percebendo que o trabalho interior é uma tarefa árdua, que requer muita força e coragem. Entrar em contato com meu fluxo mental ensurdecador, incessante, com emoções caóticas e tóxicas e com o corpo maltratado e crispado foi aterrador, ainda que fascinante. Perceber minha ansiedade, medo e ressentimento foi o maior sofrimento da minha vida. Mais assustador que a doença é o medo da doença, o medo da morte. O medo me transformou num rato, num ser inferior, mas mergulhar profundamente nele foi a única possibilidade de libertação e resgate de minha dignidade humana. À medida que olhei de frente para as emoções

negativas até então difusas, desci ao inferno, ao fundo do poço. Mas de lá foi possível iniciar uma escalada em busca de luz e paz.

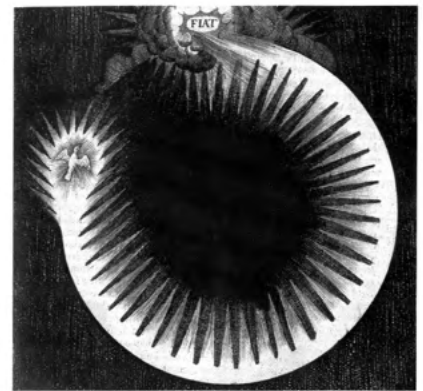
As primeiras mudanças de que me lembro são que comecei a ver as cores, a enxergar os outros e a sentir uma grande vontade de erguer a cabeça e espiar o mundo à minha volta, o céu. Era o fim do ensimesmamento. Novas variáveis foram entrando em minha vida. Passei a ter maior clareza mental, otimismo, alegria e bom humor. Aos poucos comecei a sorrir, a sentir o que é contentamento, a sentir a vida pulsar.

A ajuda dos mestres, dando instrumental precioso para lidar com o caos de nossa vida, e o apoio do Grupo foram vitais para que eu começasse a tomar consciência de minha realidade interna e a me interessar genuinamente por minha família, amigos, profissão. Minha participação no mundo passou a ser mais sincera e generosa. Em resposta, meus amigos e família acolheram-me com mais benevolência, percebendo-me não como um elemento de separação, mas como aliada. Os negócios também foram-se estabilizando.

Meu pedido inicial transformou-se em intenção: que minha saúde fosse preservada para que eu tivesse o tempo necessário para formar minha alma imortal.

Hoje, quando percebo o turbilhão de minhas emoções e comando o relaxamento do corpo, apóio-me na Mãe-Terra e me fortaleço. Aceito minha condição humana e as vicissitudes a que estou sujeita: doenças, agressões, rejeições, perdas afetivas e econômicas. Sinto-me una com o restante da humanidade. Meu peito fica mais vulnerável, aberto, benevolente e compassivo e meu senso de união e coesão aumenta. Passo a acreditar que podemos suportar o sofrimento e encontro um significado na experiência.

A busca da harmonização entre os centros mental, emocional e físico abre a porta de comunicação com o divino, leva-nos ao maravilhamento e nos torna desejosos de entregar o comando de nossa vida ao Amo. A comunicação com o Mais Alto nos dá a certeza de receber ajuda, proteção e cura. A vida passa a ser uma celebração.



*O Gênesis: "Faça-se luz!"
(John Milton, Paradise Lost, 1667).*



DISCURSO SOBRE A ARTE DOS DEMÔNIOS DA MONTANHA

Tengu-geijutsu-ron

Alguém perguntou:

– O que significa “estar imóvel em movimento e, na imobilidade, não ficar parado”?

Ele respondeu:

– O homem é uma criatura de movimento. É impossível que ele não se mova. Mas, um homem que possui essas características pode, sem dúvida, estar muito ocupado em suas atividades diárias, mas, apesar disso, não permitir que seu Coração se ponha em movimento pelos acontecimentos; seu Coração permanece imóvel e equilibrado, livre de desejos e não fica prisioneiro da própria pessoa. Nos termos da arte do manejo da espada, isso quer dizer: se um homem é ameaçado por um inimigo mais forte do que ele, embora distribua cutiladas por todos os lados, seu espírito permanece impassível em respeito à vida e à morte; seus pensamentos não se movem diante do poder do inimigo. É a isso que se chama estar “imóvel em movimento”. Alguma vez você já presenciou alguém montando a cavalo? Embora o cavalo possa galopar na direção do leste ou do oeste, o Coração de um bom cavaleiro permanece calmo e equilibrado e o cavaleiro mostra-se

tranquilo e imóvel. Para o observador, o cavalo e o cavaleiro parecem ter sido moldados numa única forma. Como o cavaleiro simplesmente conduz os humores do cavalo, ele não violenta a natureza deste. Embora, por estar sobre a sela, seja senhor do cavalo, este age em harmonia com o primeiro. Sem o emprego da força, o cavalo move-se por iniciativa própria, esquecendo-se do cavaleiro e vice-versa; ambos formam uma unidade espiritual, deixando de ser duas entidades separadas. Poderíamos dizer diante disso que “não há cavaleiro sobre a sela, nem cavalo debaixo dela”. Essa é uma imagem abrangente e facilmente compreensível para a imobilidade no movimento. Um cavaleiro que não tenha desenvolvido essa arte irá violentar a natureza do cavalo e, por conseguinte, não alcançará a tranquilidade. Como o cavalo e a pessoa estão frequentemente separados e em conflito entre si, a cabeça e os membros do cavaleiro são sacudidos pela marcha do cavalo e seu Coração fica agitado. O cavalo também avança com dificuldade e se cansa.

Num livro que trata de cavalos, há um poema composto por um cavalo que diz o seguinte:

*Primeiro ele me açoita,
Embora eu devesse avançar,
Ele me detém
E agarra as rédeas com rapidez,
Desse modo, não consigo dar um passo.*

Nesse poema o autor coloca-se no lugar do cavalo e exprime os sentimentos deste. Mas, o que tem sido exposto aqui não se limita às relações com cavalos. Um indivíduo deve ter um Coração (equilibrado) desse jeito nas suas relações com seus semelhantes! Se alguém violenta a natureza das coisas em geral, priorizando seu estado de consciência limitado, estará sempre perturbado e isso é penoso mesmo para os outros.

– Agora, o que significa “não ficar parado estando na imobilidade”?

Quando alguém não está nem satisfeito nem com raiva, nem triste nem alegre, então seu Coração está completamente vazio e não se perturba com absolutamente nada; este se adapta aos acontecimentos que estejam fora desse estado de completa tranquilidade e falta de desejos, e controla os acontecimentos – nada limita sua função. Ser calmo e imóvel: aí está a identidade do Coração. Sua função é estar em movimento e fazer justiça aos fatos. Sua essência repousa na sua quietude, em seu direito ao Princípio das coisas e na sua limpidez. Sua função encontra-se em seu movimento, em sua obe-



O ADÃO CELESTE E O ADÃO TERRESTRE

(texto extraído do ZOHAR)

O *Zohar* trata de nossa origem, destino e relações com o Divino.

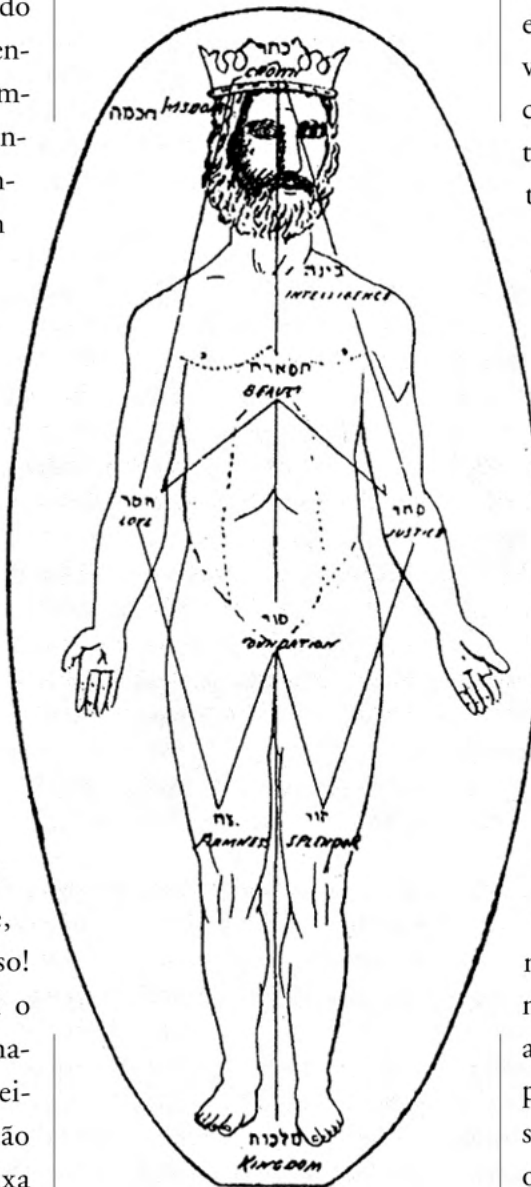
O homem é, ao mesmo tempo, a síntese e a mais alta expressão da Criação e, por isso, só foi criado no sexto dia. Após o aparecimento do homem, tudo ficou completo: o mundo de cima e o mundo de baixo, pois tudo está sintetizado no homem; ele contém todas as formas.

Mas ele não é apenas a imagem do mundo, da universalidade dos seres, inclusive do absoluto; é também, e acima de tudo, a imagem de Deus, considerado na totalidade de Seus infinitos atributos. O homem é a presença divina na terra, o Adão Celeste que, partindo da escuridão original, produziu o Adão terrestre.

Não pensem que o homem é composto apenas de carne, pele, ossos e veias: longe disso! O que na verdade constitui o homem é a sua alma. O que chamamos pele, carne, ossos e veias é apenas sua vestimenta, não faz parte dele. Quando deixa esse planeta, o homem despoja-se de todos os véus que o enco-

brem. Entretanto, as diferentes partes de seu corpo estão em conformidade com os segredos da suprema sabedoria. A pele re-

presenta o firmamento que se estende e cobre todas as coisas, como um manto. A carne faz lembrar o lado maligno do universo (o elemento meramente externo e tangível). Os ossos e veias representam a carruagem celestial, as forças que estão dentro, os servos de Deus. No entanto, tudo isso é apenas uma capa, pois o mistério profundo do homem celestial está dentro dele. O Adão celestial é tão espiritual quanto o homem terrestre, e tudo o que acontece em baixo, acontece do mesmo modo em cima. Por isso, dizem as Escrituras: “E Deus criou o homem à Sua imagem”. Assim, as figuras formadas pelas estrelas e pelos planetas no firmamento que nos envolve indicam a existência de substâncias ocultas e grandes mistérios e, da mesma forma, também os desenhos e as rugas da pele, que marcam o corpo humano, são as estrelas e os planetas do corpo. Todos esses sinais têm um significado oculto e constituem objeto de atenção dos homens sábios que conseguem interpretar o rosto do homem.



Adão Kadmon, o homem primordial.

(Jewish Encyclopedia)



A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS TRADICIONAIS

Carmem Silvia de Carvalho

A figura do contador de histórias tradicionais existe desde o começo do mundo. Ele é o arauto da Memória. Aquele que mantém viva a tradição oral, que passa o conhecimento diretamente.

Nenhum meio de comunicação eletrônico pode assumir o lugar do contador de histórias, porque ele interage com a platéia, olho no olho, uma força magnética sempre atuando, influenciando, construindo.

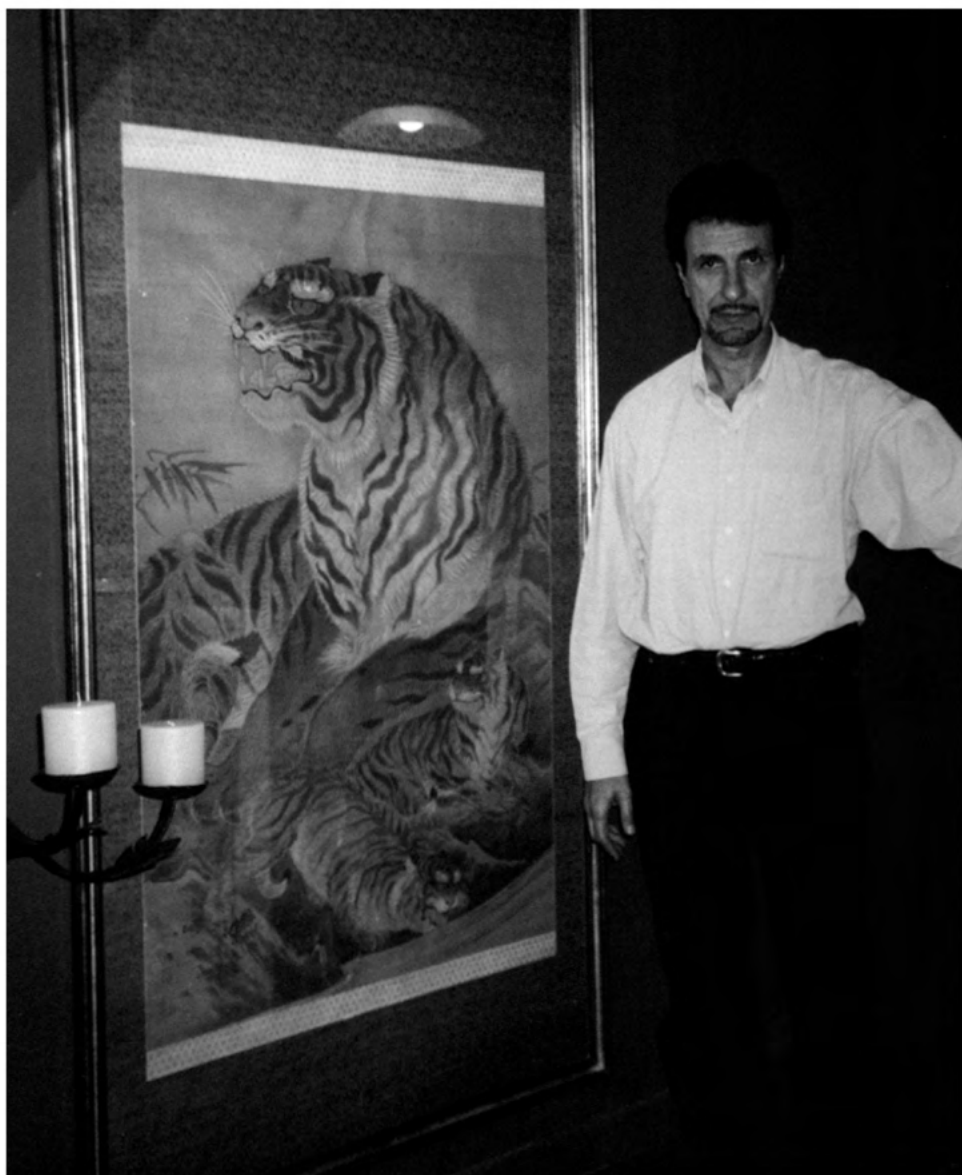
O Grupo Gurdjieff de São Paulo recuperou essa atividade e a ampliou. Foram selecionadas histórias tradicionais do riquíssimo material das *Mil e Uma Noites* e Lauro Raful, o contador de histórias, tomou o cuidado de manter o texto original.

Após a apresentação, acontece um pequeno intervalo com um lanche e, em seguida, Paulo e Lauro Raful examinam o significado simbólico, o sentido oculto das histórias, considerando-as sempre sob três aspectos: o homem, o universo e Deus.

São espetáculos abertos ao público externo. Em 2001 foram rea-

lizadas duas apresentações, sendo que a última ocorreu do dia 10 ao dia 14 de dezembro, na sede

do Grupo, na Rua Augusta, para um público total estimado em 650 pessoas.



Lauro Raful, o contador de histórias



A TRAVESSIA

(*adaptação livre de um conto da tradição budista, realizada por Paulo Sérgio Gelardini e Carmem Silvia de Carvalho*)

Dois monges budistas estavam retornando a seu monastério, nas montanhas, quando o mais jovem deles, aparentando grande nervosismo, disse:

– Irmão, espere! Já estamos chegando ao mosteiro e daqui a pouco nosso mestre estará fazendo perguntas sobre a viagem. Eu preciso saber se você terá coragem de contar tudo o que aconteceu lá atrás, no rio.

O monge mais velho escutava o companheiro em tranqüilo silêncio... Enquanto isso, o jovem continuou falando, cada vez mais agitado:

– Porque, se você não contar, eu mesmo serei obrigado a fazê-lo!...

E, imaginando-se na frente do mestre, relembra o que aconteceu.

– A quilômetros daqui nós chegamos às margens de um rio que dá para atravessar a pé. No local havia uma moça, uma linda moça, sozinha... Ela parecia receosa de atravessar o rio e esperava a ajuda de alguém. Então, ele (*apontando acusadoramente para o companheiro*), um monge budista proibido de tocar numa mulher, ofereceu-se para transportá-la. E tomando-a nos braços atravessou calma e lentamente

o rio, depositando a moça do outro lado. Permaneci mudo e paralisado, enquanto assistia a tudo. Eu sabia que ele estava sentindo o calor e o perfume do corpo dela...

E voltando-se para o companheiro, como quem acaba de acordar de um sonho, gritou:

– Como você teve coragem de fazer o que fez? E agora, o que será de nós?

O monge mais velho, que ouvia atentamente o relato, finalmente respondeu:

– Irmão, eu deixei a moça lá atrás, a quilômetros de distância... Mas você veio carregando-a até aqui, até agora!

Mestre Kazuo Suhara

(*foto de Anne-Marie e Michel Random, do livro Martial Arts de Michel Random,*

Octopus, 1978)



FELICIDADE

(Anônimo)

Um dia, Deus e os anjos se reuniram e decidiram criar dois seres à sua imagem e semelhança: um homem e uma mulher.

Então, um dos anjos disse:

– Esperem! Se vamos criá-los à nossa imagem e semelhança, tornar-se-ão verdadeiros deuses. Precisamos fazer algo que os diferencie de nós. Já sei, vamos tirar alguma coisa deles. Mas o quê?

Refletiram um longo tempo e chegaram à conclusão de que deveriam esconder a FELICIDADE de tal forma que nunca a encontrassem. Então, teve início uma discussão...

– Vamos escondê-la na montanha mais alta da Terra!

– O problema é que demos força a eles! Com certeza, alguém acabará por conseguir subir até o topo da montanha e encontrar a FELICIDADE.

– Então, vamos escondê-la no fundo do oceano!

– Também não seria um bom lugar, pois lhes demos inteligência e certamente alguém vai criar uma máquina que os fará submergir e encontrá-la.

– E se a escondermos num planeta bem distante?

– Nós lhes demos curiosidade, coragem e ambição. Assim, sempre tentarão ultrapassar seus limites e logo criarão um veículo para voar pelo espaço e certamente a encontrarão.

Discutiram longamente sem chegar a uma solução. Nesse momento, o único anjo que permanecera em silêncio pediu a palavra e disse:

– Existe um lugar onde poderemos esconder a FELICIDADE sem que haja o menor risco de ser encontrada.

Atônitos, todos perguntaram ao mesmo tempo:

– Que lugar misterioso é esse?

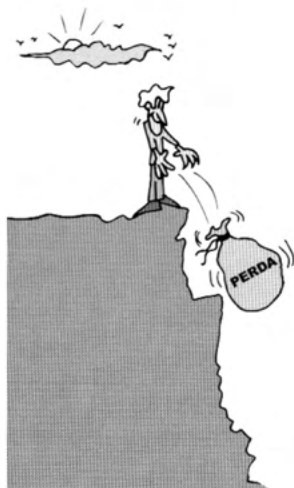
E o discreto anjo respondeu:

– Dentro deles mesmos, pois estarão tão preocupados buscando-a fora, que nunca a descobrirão.

50 PRINCÍPIOS DA ARTE DE AMAR

(transcrição dos Seminários de Paulo Ráful e Lauro Ráful, realizada por Rodrigo Greguol)

LIVRE-SE DO MEDO DA PERDA.



A violência, tão presente nas relações amorosas, deriva sempre do medo de se perder alguma forma de felicidade.

Quando nos apaixonamos perdidamente, pensamos que o outro é que nos dá aquele sentimento maravilhoso. Você não é o que é nem está como está por causa do outro. Não! O mistério do amor está em você. O outro é apenas o gatilho. Se não refletirmos seriamente sobre isso, se não eliminarmos o conceito de que o que estava dentro de nós surge somente por causa do outro, não nos livraremos do pavor da perda. O outro é fator dominante para que

uma coisa maravilhosa minha apareça. As coisas boas que experimento foram reveladas pelo outro, mas são meu potencial, estão em mim. Uma coisa é o maravilhamento que vivo com alguém, outra é o processo. Toda perda dói porque estou certo de que, se aquela pessoa passar, só aquele corpo pode me trazer a coisa boa que estou vivendo. É como se o minerador de ouro pensasse que ele criou o ouro. A pessoa que perdemos faz-nos ter maior capacidade de amar porque ela abriu isso em nós. Mesmo que se perca a pessoa amada, a possibilidade de amor, em geral, não só não é perdida, como é lapidada. É um trabalho lento, para uma vida inteira.

Estamos sempre com medo de perder aquele que nos dá felicidade. Achamos que estamos felizes por causa do outro, que achamos ser o autor de nossa felicidade. Esse potencial de ser comovido – por uma pessoa ou objeto – é inerente ao ser humano. Se lutar para compreender isso, começo a perder o medo. O potencial passa a ser o gatilho: é como se tudo no mundo pudesse comover você. O estado de graça não depende da pessoa. Eu me apaixono pelo estado de graça. O equívoco é achar que o disparador é a solução. O estado de graça é nosso direito. É um fogo divino. Não quero per-

der o mundo mágico, o mundo divino. Posso buscar não perder isso quando perco o outro. O sentimento de plenitude está dentro de nós. Outro equívoco: investir constantemente naquilo que é passageiro. Devo aproveitar todos os gatilhos que disparam isso em mim, mas não investir tudo aí. Madre Teresa, por exemplo, não tinha vocação para o casamento; para ela, dar de sua generosidade era um orgasmo, cuidar dos outros era paraíso puro.

VOE COM O SENTIMENTO.



A convicção pertence à esfera do mental, infinitamente mais limitada do que aquela à qual pertence o amor: a do sentimento. Enquanto a convicção caminha, o amor voa. Ele enxerga melhor e mais longe, concilia o que para uma visão rasteira é irreconciliável, admira o que o míope mal vislumbra e admite o inadmissível.



Existe um conflito terrível entre o mundo do sentimento e o mundo do mental.

As considerações do mental têm seu lugar, mas não podem castrar o vô do sentimento. Não posso tampouco funcionar só pelo passional. Preciso ouvir o vô do sentimento para saber se as considerações me alimentam ou não. Nossas emoções são hormonais. Os tipos que se correspondem têm cada um sua música que se afina com a do outro. Há nisso um lado hormonal, que é imediato, um lado racional, que exige mais um pouco, e há o lado do sentimento, que exige que eu fique quieto e sinta. Por isso é que casais que discutem muito, saem muito, reúnem-se muito com outros casais de amigos, estão, na verdade, encobrindo o fato de que, no lado do sentimento, algo vai mal, de que algo está faltando.

Sentimento não respeita lógica, razão – ele é de outro mundo. Convicção é um inferno puro. O sentimento existe em mim, mas não o reconheço. O céu limpo está lá, apesar das nuvens. Não sei entrar em contato com ele por causa das minhas emoções confusas. Se sei que existe, passo a procurar, a ficar mais aberto, mais limpo, menos possessivo, ranheta, raivoso. A amarlinha é um jogo esotérico – vai da terra para o céu e do céu para a terra. É o caminho da alma.

LUCIDEZ E TRANQUILIDADE



Em alguns momentos de finura e tranquilidade, é possível perceber em si e no outro aquela essência por trás das atividades físicas, emocionais e mentais. Aí, sim, o amor revela sua real grandeza.

Todo processo natural é gradual; o raio, súbito, é exceção.

Finura e tranquilidade são um convite que nos é feito para encontrar outra maneira de ser. A sociedade contemporânea estimula que se pratiquem esportes. Para termos uma relação diferente com o sentimento, com o amor – esse imenso mistério, tão impalpável –, só com finura e tranquilidade. Estímulos são pontos de partida: contemplar o céu, o oceano, o pôr do sol ou a sensação depois de um trabalho físico são alguns exemplos. Temos a desgraçada capacidade de dissimulação. Essa finura e essa tranquilidade fazem com que eu en-

xergue por trás dos maneirismos da pessoa que me atrai; começo a ver o que tem de mais real, lá no fundo. O amor é um calor e também uma clareza; é um abraço, e está sempre por trás. Se entrar nesse estado de finura e tranquilidade, encontrarei o amor, que está sempre aqui, dentro de mim, atrás do agito.

O amor é de outro mundo, outro plano – o solar. Somos apenas veículos dele. Quanto mais compreender, mais posso ser seu veículo. Num momento de finura, posso perceber a natureza. O cosmo inteiro é permeado pelo amor. O amor não é pessoal.

O grande exemplo é o próprio sol. Ele doa sem se preocupar se estão recebendo ou não. O amor tem leis próprias, como o sol também tem as suas. Se me expuser inadequadamente ao sol, me prejudico.

Uma pessoa atrai por quatro motivos: *fisicamente* – pela movimentação, pela graça, pela presença de corpo; *emocionalmente* – há pessoas em que o emocional é leve e elas passam alegria, e há bebês e crianças que são desagradáveis desde pequenos, porque nasceram assim; *mentalmente* – por exemplo, pessoas que não falam nunca e outras que falam demais; e, principalmente, a atmosfera, o clima da pessoa; *a alma* – às ve-



zes, a pessoa não tem grande coisa, mas é uma alma boa, com sentimento, compaixão, boa vontade, um bom abraço. Na carta, é o sol que está atrás. Todos nós temos sempre esse sol atrás. Não podemos amar se estivermos apenas nos três primeiros. O universo é formado por um ato de amor, só que nós estamos afastados dele.

OS 50 PRINCÍPIOS DA BOA SORTE

(transcrição dos Seminários de Paulo Ráful e Lauro Ráful, realizada por Rodrigo Greguol)

LEMBRE-SE E ESQUEÇA-SE.



Leve a sério seus negócios e ao mesmo tempo não leve a sério seus negócios. Contradição? Não, apenas o que a natureza ensina: de manhã, ao acordarmos, faz-nos lembrar de nossas obrigações; à noite, ao adormecermos, faz-nos esquecê-los.

Lembrar e esquecer, levar e não levar a sério: o equilíbrio entre esses dois pólos é um dos segredos da felicidade.

Grande parte de nossas crises e problemas deve-se ao fato de que não os esquecemos, não os resolvemos. Uma coisa só é resolvida quando é bem resolvida. O que eu poderia esquecer?

Carregar cadáveres – broncas, rixas, discórdias, qualquer emoção negativa – estraga a coluna, no mínimo. Entope os canais da boa sorte. Um dos princípios para atrair boa sorte é lidar com problemas por um certo tempo, concentradamente, e depois esquecê-los.

Ou lido com o problema ou o esqueço. É uma coisa orgânica. Lembre-se do processo criativo de Leonardo da Vinci: tire férias do que está fazendo, dê um tempo, renove-se.

TENHA A MENTE CLARA E BEM INFORMADA.



Em seus empreendimentos, deixe-se guiar por um mental claro, bem informado e analítico, pois este constitui uma base sólida para o sucesso. Lute contra um mental confuso, fantasioso e que se deixa levar pelas opiniões em voga no momento: este o levará ao fracasso.

Mental claro - Concentração: nada de um macaquinho pulando de galho em galho, porque isso leva à angústia, faz com que me perca em opiniões e busque solução onde não há.

Mental bem informado - Leia jornais e revistas, assista à tevê, acompanhe a mídia. Mesmo que não sejam assuntos de seu interesse, tenha uma idéia sobre eles. Mantenha-se bem informado. Às vezes, de uma informação pode vir algo que o ajude a solucionar problemas.

Mental analítico - Colha informações de forma reflexiva e analítica. Aprenda a pensar por conta própria. Não acredite necessariamente no que é dito como verdade.

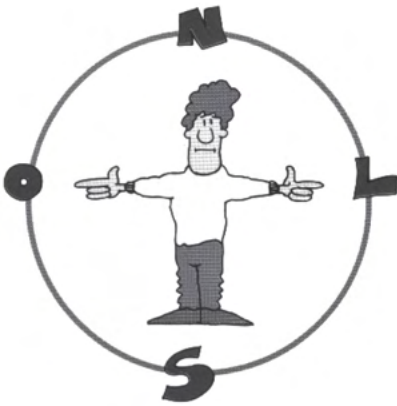
Pergunte a si mesmo se os fatos fazem sentido. Esteja aberto para o mundo.

DA ENCRUZILHADA SAI A MELHOR DIREÇÃO.

O agora é uma encruzilhada onde se encontram as ruas do passado e



do futuro, as primeiras prontas, as outras sendo construídas.



Do agora você dirige melhor seus negócios.

Encruzilhada é Hermes, Mercúrio: guia dos homens, ligado ao destino, terceira força, flui no meio de tudo, transita entre Zeus e nós, encarnação da alma. Cruzamento pressupõe duas coisas opostas. Só com coisas boas ou só com coisas ruins não crio nada – vide um filho mimado ou alguém que receba só elogios. Quando estou por baixo, tento buscar na adversidade algo que possa proporcionar-me progresso. E quando tudo está bem demais, preciso de algo não tão bom para me trazer possibilidades de renovação criativa. Se não houver o que complique, entro em decadência. Unir, acrescentar os dois extremos voluntariamente, propositadamente.

ENEAGRAMA

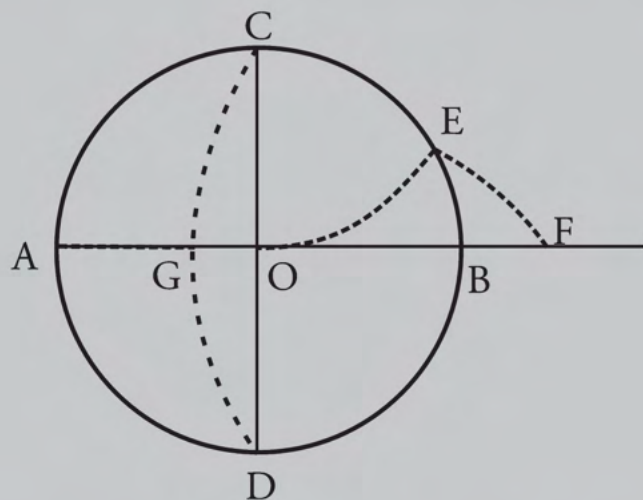
Especulações não conclusivas

Renatus

Para desenhar o eneagrama (símbolo) devemos conhecer métodos para a elaboração de uma figura geométrica chamada de polígono regular inscrito de nove lados. O método que vamos usar será de desenho geométrico. (O erro cometido na construção é de aproximadamente 0,0028 do raio da circunferência.)

Roteiro

1. Traçar um círculo de centro O e raio qualquer.
2. Traçar dois diâmetros perpendiculares AB e CD.
3. Com centro em C e raio CO obtemos o ponto E.
4. Com centro em D e raio DE obtemos o ponto F no prolongamento do diâmetro AB.
5. Com centro em F e raio FC obtemos G em AO.
6. AG será o lado do eneágono.



Obs.: Assim obtemos os nove pontos. A seqüência do traçado foi descrita na publicação número 1 desta Revista.

Qual a importância de saber construir um eneagrama?

Seria útil, a partir deste método, construir mentalmente o polígono, e em seguida o eneagrama?

Vide figura geométrica acima

O QUE FLORESCE DEVE MURCHAR, ESTA É A LEI DA NATUREZA. (Tchou-Hi)

Beatriz Sztutman

Anotamos mentalmente a frase, olhamos para as flores e sorrimos. Outras nascerão! Mas, cruelmente, a nada mais aplicamos este raciocínio. Insensatos, choramos a oportunidade perdida – nunca mais! Morre o emprego e fico eternamente desempregada – na minha cabeça tonta. Então, queria segurar o lugar na primeira fila? Até quando?! Pior que tudo é com amores, amizades. É um grude só. De nada adianta. Faço tudo para segurar o que “é meu”. Não vou nem falar da minha pele, músculos, ossos. Pois que a lei se aplique às flores, vá lá. Mas à ilustríssima pessoa, cujo apelido era “minha flor”... ah! se papai me visse agora!

O que floresce é tudo. O amor, o ódio, o mau humor. Todas as minhas ações, conscientes ou não. Acima de tudo, o ego. Ingenuamente, vou vivendo sem perceber que passo a vida plantando coisas. Esta percepção, sempre difícil de aceitar, gera, no entanto, um certo alívio. Nem tudo está perdido. A natureza é sábia? A natureza simplesmente é. Intrinsecamente cíclica. E eu não a res-

peito, não a observo, não a acompanho. Ignoro a natureza por não querer ocupar o “meu” tempo com ela, por medo de enfrentar as besteiras que faço, por medo de encarar o murchar das coisas que considero boas. Da vida só quero receber, cada vez mais. Pagar, jamais. Quando menos espero, já na fila dos aposentados me dou conta – o que sobrou?

É necessário completar o pensamento. O que floresce deve murchar, esta é a lei da natureza, mas não sem antes lançar os frutos na terra.



Semente

A VISÃO

Nestor da Rocha Bressane

Vejo estátuas pesadas
em cima da Terra
sentindo seu peso.
Vejo Homens cujo sangue
circula em rios e cascatas.
Vejo Homens-Fogo, labaredas
acesas queimando sem
estalar ou queimar.
Vejo Homens soltando
luz por todos os poros,
através de suas roupas.
Vejo o Homem que conduz.
Vejo o irmão ao seu lado.
Vai calado, coração em
cada olho, assim olha e
quando sente do fundo
d’alma uma fala,
fala e sua voz é mel
na ponta da flecha
do poder guiado.
Vejo o Homem que conduz
pronto em seu cavalo
guiando uma carruagem.
Montanhas, vales, céus,
estrelas, mares, onde
há brilho nos leva.
Vejo Homens em profundas idas
a lugares onde o sono
jamais pisou.





Na entrada do Grupo, o guardião, o fiel escudeiro, o alegre companheiro: Oswaldo Feliciano da Silva Filho



*Grupo de Estudo do livro Fragmentos de um Ensino
Desconhecido de P. D. Ouspensky*



*Cena da apresentação teatral de um conto da tradição ZEN,
com os atores Paulo Sérgio Gelardini e Carmem Silvia
de Carvalho. Ao fundo, Paulo e Lauro Rafal*

PROGRAMA DE FÉRIAS:

Conheça mais sobre você mesmo e os outros.

Não perca o "Seminário Prático e Vivencial sobre o Tipo" que ocorrerá nos dias 7, 14, 21 e 23 de janeiro de 2002, com duas turmas de aproximadamente 120 pessoas cada, em dois horários: 19hs e 20h15min.

MOVIMENTOS

